

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE LETRAS

MARCELA CRISTIANE NESELLO

O SENTIDO ARGUMENTATIVO DO ARTICULADOR MAS NO DISCURSO ORAL

Porto Alegre

2008

MARCELA CRISTIANE NESELLO

O SENTIDO ARGUMENTATIVO DO ARTICULADOR MAS NO DISCURSO ORAL

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dr. Leci Borges Barbisan

Porto Alegre

2008

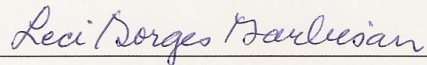
MARCELA CRISTIANE NESELLO

O SENTIDO ARGUMENTATIVO DO ARTICULADOR MAS NO DISCURSO
ORAL

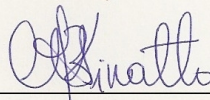
Dissertação apresentada como
requisito para obtenção do
grau de Mestre, pelo Programa
de Pós-Graduação em Letras da
Faculdade de Letras da
Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 14 de janeiro de 2009

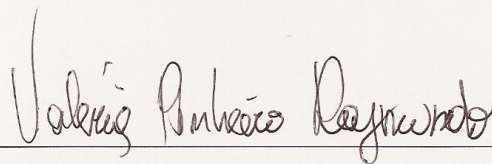
BANCA EXAMINADORA:



Prof^ª. Dr. Leci Borges Barbisan - PUCRS



Prof^ª. Dr. Maria José Bocorny Finatto - UFRGS



Prof^ª. Dr. Valéria Pinheiro Raymundo- PUCRS

AGRADECIMENTOS

À professora Leci Borges Barbisan por transmitir seus conhecimentos com tanto ânimo e tanta confiança em meu trabalho, por sua orientação, seu apoio teórico, emocional e pelos excelentes almoços juntas.

A CAPES pela concessão da bolsa que me permitiu realizar esta pesquisa.

Ao corpo docente da PUCRS, bem como a coordenação e todos os funcionários.

Aos professores e bolsistas do projeto VARSUL.

Aos meus colegas de turma pelo crescimento e conquistas que alcançamos juntos.

Aos integrantes do Núcleo de Estudos do Discurso pelas sempre produtivas discussões e por tantos bons momentos.

À Cristiane Dall Cortivo por uma amizade para a vida toda.

A todos os meus amigos e pessoas próximas que acompanharam e apoiaram não somente meu trabalho, mas minhas escolhas.

A minha mãe, meu irmão e minha madrinha por terem dedicado suas vidas a mim, bem como eu dedico a minha e eles.

Quatro ou cinco grupos diferentes de alunos do Farroupilha estiveram lá em casa numa mesma missão, designada por seu professor de Português: saber se eu considerava o estudo da Gramática indispensável para aprender e usar a nossa ou qualquer outra língua. Cada grupo portava seu gravador cassete, certamente o instrumento vital da pedagogia moderna, e andava arrecadando opiniões. Suspeitei de saída que o tal professor lia esta coluna, se descabelava diariamente com suas afrontas às leis da língua, e aproveitava aquela oportunidade para me desmascarar. Já estava até preparando, às pressas, minha defesa ("Culpa da revisão! Culpa da revisão !"). Mas os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se criasse. Eles mesmos tinham escolhido os nomes a serem entrevistados. Vocês têm certeza que não pegaram o Veríssimo errado? Não. Então vamos em frente.

Respondi que a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgada exclusivamente como tal. Respeitadas algumas regras básicas da Gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis. A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer "escrever claro" não é certo mas é claro, certo? O importante é comunicar. (E quando possível surpreender, iluminar, divertir, mover... Mas aí entramos na área do talento, que também não tem nada a ver com Gramática.) A Gramática é o esqueleto da língua. Só predomina nas línguas mortas, e aí é de interesse restrito a necrólogos e professores de Latim, gente em geral pouco comunicativa. Aquela sombria gravidade que a gente nota nas fotografias em grupo dos membros da Academia Brasileira de Letras é de reprovação pelo Português ainda estar vivo. Eles só estão esperando, fardados, que o Português morra para poderem carregar o caixão e escrever sua autópsia definitiva. É o esqueleto que nos traz de pé, certo, mas ele não informa nada, como a Gramática é a estrutura da língua mas sozinha não diz nada, não tem futuro. As múmias conversam entre si em Gramática pura.

Claro que eu não disse isso tudo para meus entrevistadores. E adverti que minha implicância com a Gramática na certa se devia à minha pouca intimidade com ela. Sempre fui péssimo em

Português. Mas - isso eu disse - vejam vocês, a intimidade com a Gramática é tão indispensável que eu ganho a vida escrevendo, apesar da minha total inocência na matéria. Sou um gigolô das palavras. Vivo às suas custas. E tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional. Abuso delas. Só uso as que eu conheço, as desconhecidas são perigosas e potencialmente traiçoeiras. Exijo submissão. Não raro, peço delas flexões inomináveis para satisfazer um gosto passageiro. Maltrato-as, sem dúvida. E jamais me deixo dominar por elas. Não me meto na sua vida particular. Não me interessa seu passado, suas origens, sua família nem o que outros já fizeram com elas. Se bem que não tenho o mínimo escrúpulo em roubá-las de outro, quando acho que vou ganhar com isto. As palavras, afinal, vivem na boca do povo. São faladíssimas. Algumas são de baixíssimo calão. Não merecem o mínimo respeito.

Um escritor que passasse a respeitar a intimidade gramatical das suas palavras seria tão ineficiente quanto um gigolô que se apaixonasse pelo seu plantel. Acabaria tratando-as com a deferência de um namorado ou a tediosa formalidade de um marido. A palavra seria a sua patroa! Com que cuidados, com que temores e obséquios ele consentiria em sair com elas em público, alvo da impiedosa atenção dos lexicógrafos, etimologistas e colegas. Acabaria impotente, incapaz de uma conjunção. A Gramática precisa apanhar todos os dias pra saber quem é que manda.

Luis Fernando Veríssimo - O gigolô das palavras

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo estudar o sentido do articulador *mas* no discurso oral pela Teoria da Argumentação na Língua de Oswald Ducrot e colaboradores. Temos o propósito de identificar e analisar os sentidos que o articulador *mas* assume no discurso oral, bem como suas diferentes funções, por isso trata-se de uma pesquisa qualitativa. Também é objetivo desta pesquisa identificar os encadeamentos precedentes e subseqüentes ao articulador. Para esses fins, apresentamos estudos sobre o articulador realizados anteriormente por teorias diversas com o intuito de identificarmos os pontos positivos e as lacunas. Para preencher essas lacunas propomos a Teoria da Argumentação na Língua, que nos parece a teoria mais adequada para uma análise do sentido, já que tem a noção de relação entre locutor/interlocutor, entre discursos e entre enunciados e palavras como sua principal ferramenta. Também apresentamos características do discurso oral a fim de compreendermos bem as particularidades do tipo de discurso que nos propomos a analisar.

Palavras-chave: Enunciação. Argumentação. Discurso. Articuladores.

RESUMEN

Esta pesquisa tiene por objetivo estudiar el sentido del articulador *pero/sino* en el discurso oral por la Teoría de la Argumentación en la Lengua de Oswald Ducrot y colaboradores. Tenemos el propósito de identificar y analizar los sentidos que el articulador *pero/sino* asume en el discurso oral, bien como sus diferentes funciones, por eso es una pesquisa cualitativa. También es objetivo de esta pesquisa identificar los encadenamientos precedentes y subsecuentes al articulador. Para esos fines, presentamos estudios sobre el articulador realizados anteriormente por teorías diversas con el intuito de identificamos los puntos positivos y los vacíos. Para completar esos vacíos proponemos la Teoría de la Argumentación en la Lengua, que nos parece la teoría más adecuada para una análisis del sentido, ya que tiene la noción de relación entre locutor/interlocutor, entre discursos y entre enunciados y palabras como su principal herramienta. También presentamos características del discurso oral a fin de comprendemos bien las particularidades del tipo de discurso que a analizar.

Palabras-clave: Enunciación. Argumentación. Discurso. Articuladores.

LISTA DE ABREVIATURAS

AE – Argumentação externa

AI – Argumentação interna

ANL – Teoria da Argumentação na Língua

BS – Bloco semântico

DC – Donc

E – Enunciador

L – Locutor

PA – Pero/aber

PT – Pourtant

TBS – Teoria dos Blocos Semânticos

SN – Sino/sondern

X – Primeiro segmento do encadeamento

Y – Segundo segmento do encadeamento

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	ESTUDOS ANTECEDENTES SOBRE O ARTICULADOR MAS ...	15
	2.1 O QUE É GRAMÁTICA SEGUNDO MOURA NEVES	15
	2.2 POSSENTI E ANTUNES: A GRAMÁTICA E AS GRAMÁTICAS.	17
	2.3 GRAMÁTICA E TEXTO/SENTIDO	20
	2.4 TIPOS DE GRAMÁTICA	22
	2.4.1 Gramática Normativa	22
	2.4.2 Gramática Descritiva	22
	2.4.3 Gramática Internalizada	23
	2.4.4 Gramática de Usos	23
	2.4.5 Gramática Funcional	23
	2.5 DESMISTIFICAÇÃO EM RELAÇÃO À GRAMÁTICA	24
	2.5.1 Língua e gramática são a mesma coisa	24
	2.5.2 Basta saber gramática para saber falar, ler e escrever com	25
	sucesso	
	2.5.3 Explorar nomenclatura e classificação é estudar gramática	25
	2.5.4 A norma prestigiada é a única lingüisticamente válida	26
	2.5.5 Toda atuação verbal tem que se pautar pela norma	26
	prestigiada	
	2.5.6 O respaldo para aceitação de um novo padrão gramatical	27
	está prioritariamente nos manuais de gramática	
	2.6 AS GRAMÁTICAS E O MAS	27
	2.6.1 Gramática Normativa	27
	2.4.2 Gramática Descritiva	29
	2.4.3 Gramática de Usos	30
	2.4.4 Gramática Funcional	31
	2.7 AS CONJUNÇÕES ATRAVÉS DA COESÃO TEXTUAL PELA	33
	LINGÜÍSTICA DO TEXTO	
3	A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA	34
	3.1 AS HIPÓTESES DA ANL	35
	3.2 FRASE E ENUNCIADO; SIGNIFICAÇÃO E SENTIDO; TEXTO	

E DISCURSO	39
3.3 A TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS	40
3.3.1 Encadeamento normativo e transgressivo e conceito de bloco semântico	40
3.3.2 O quadrado argumentativo	43
3.3.3 Argumentação Interna e Externa ao léxico e ao enunciado	47
3.3.4 A polifonia	49
3.3.4.1 <u>Sujeito empírico, locutor, enunciadores</u>	49
3.3.4.2 <u>As atitudes do locutor em relação aos enunciadores</u>	51
3.3.5 A Polifonia na TBS	52
3.4 O MAS PELA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA	53
4 O DISCURSO ORAL E O DISCURSO ESCRITO	55
5 METODOLOGIA	66
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	66
5.2 <i>CORPUS</i>	66
5.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA	66
6 ANÁLISES	67
6.1 DISCURSO 01	67
6.2 DISCURSO 02	71
6.3 DISCURSO 03	72
6.4 DISCURSO 04	75
6.5 DISCURSO 05	77
6.6 DISCURSO 06	78
6.7 DISCURSO 07	80
6.8 DISCURSO 09	82
6.9 DISCURSO 09	83
6.10 DISCURSO 10	85
6.11 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	86
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	91
ANEXO A	
ANEXO B	
ANEXO C	
ANEXO D	

ANEXO E

ANEXO F

ANEXO G

ANEXO H

ANEXO I

ANEXO J

CURRICULUM LATTES (Plataforma Lattes CNPq)

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por tema um estudo do sentido do articulador *mas* no discurso oral pela Teoria da Argumentação na Língua (ANL) de Oswald Ducrot e colaboradores. Alguns estudos já foram realizados sobre esse articulador à luz da ANL, entretanto a maioria dessas pesquisas foi realizada tendo como objeto de estudo a língua escrita. Sendo assim, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de estudar a linguagem oral a fim de identificar as funções do *mas* nesse tipo de discurso.

O articulador *mas* é fruto de diversas discussões na teoria de Ducrot e as razões nos parecem óbvias. De todos os articuladores, é o mais utilizado, seja na linguagem oral, seja na escrita. Além disso, é um dos articuladores que mais carregam diferentes funções e sentidos.

Mesmo que ainda não receba a atenção devida nos estudos da língua, diversas gramáticas têm realizado estudos sobre o articulador. Nota-se, contudo, que em todos os estudos dessas gramáticas o *mas* é classificado e separado de seu contexto lingüístico. Nessa separação, acaba-se por ignorar as possibilidades de uso e o valor argumentativo do articulador, já que as relações dele com os enunciados que o precedem e sucedem normalmente não são levadas em consideração. E é justamente por estudar as relações entre palavras, enunciados e discursos que a Teoria da Argumentação na Língua foi escolhida para basear esta pesquisa. Para a ANL, a argumentação está na própria língua, e não em fatos externos do mundo dito real. Sendo assim, o sentido será construído pela relação estabelecida entre palavras, enunciados e discursos estritamente no contexto lingüístico.

O *mas* é tratado como articulador na ANL por interligar dois enunciados. Assim, é preocupação crucial nesta pesquisa que não somente se analisem as funções do articulador e seu sentido no discurso, mas também que se identifiquem os enunciados antecedentes e subseqüentes ao *mas*.

A pesquisa se inicia por um levantamento dos estudos de outras teorias sobre o articulador. Parece-nos de extrema relevância o conhecimento das pesquisas anteriores realizadas sobre o tema a fim de identificar os pontos positivos e também as carências sobre esse estudo. No primeiro capítulo deste trabalho, portanto, apresentamos diversos estudos que tem o *mas* como objeto de estudo e discutimos as questões que foram levantadas por essas teorias.

Tendo conhecido as pesquisas antecedentes a este trabalho, apresenta-se a ANL como outra possibilidade de analisar o articulador, a fim de tentar suprir as lacunas deixadas pelos estudos anteriores. No segundo capítulo, então, fazemos um passeio pela Teoria da Argumentação na Língua a partir de sua fase atual, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), explicando e exemplificando suas raízes, seus conceitos, sua metodologia e suas análises.

Tratando-se de um estudo sobre o discurso oral, nos parece fundamental um embasamento teórico sobre esse tipo de linguagem, apresentando suas particularidades e procurando compreender, assim, como se dá sua produção e sua aplicação pelo falante/locutor. O terceiro capítulo desse trabalho se dedica a essa tarefa. Fazemos, a partir de Koch (2007), uma revisão das características do discurso oral.

Depois de trabalhadas as questões teóricas que envolvem esta pesquisa, no quarto capítulo são feitas as análises do articulador *mas* em discursos orais. Estes foram coletados no projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana do Sul do País) na PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Foram coletadas 10 ocorrências do articulador que aparecem divididas em 7 análises. Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, nessas 10 amostras foi possível identificar as funções e extrair o sentido do articulador em diferentes usos feitos pelo locutor.

Por fim, estão as considerações finais e os anexos com as transcrições das partes das entrevistas nas quais o *mas* está presente.

2 ESTUDOS ANTECEDENTES SOBRE O ARTICULADOR *MAS*

Os estudos sobre o articulador *mas* têm sido realizados por diversas gramáticas. Neste capítulo faremos uma discussão sobre a gramática em geral, em seguida sobre cada um dos tipos de gramática e finalmente sobre o *mas* especificamente de acordo com cada uma dessas gramáticas. Para embasar nossa discussão sobre a gramática, escolhemos quatro autores que nos parecem mais experientes no assunto e que nos parecem trazer discussões mais interessantes. São eles Moura Neves (2004), Possenti (2005), Travaglia (2003) e Antunes (2007). Vejamos, portanto:

2.1 O QUE É GRAMÁTICA SEGUNDO MOURA NEVES

Em sua obra *Que gramática estudar na escola?*, Moura Neves (2004) realiza um estudo sobre a gramática. Segundo a autora, os estudos de gramática não têm sido bem desenvolvidos em razão da aplicação indevida da chamada “Gramática Tradicional”, ou seja, esses estudos se resumem à apresentação de nomenclatura, regras e exemplos, sem reflexão sobre a linguagem.

Para os lingüistas, o estudo da norma padrão é um direito do cidadão, já que conhecer a língua valorizada pode garantir-lhe ascensão na sociedade. Por outro lado, também se deve agir sem qualquer preconceito lingüístico sobre a fala coloquial. Citando Slama-Cazacu, Moura Neves (2004) explica que, quando chega à escola, a criança possui absoluta consciência de sua língua. A sistematização mecânica que lhe é dada na sala de aula faz com que ela passe a “desaprender”, e encare a gramática como um corpo estranho. Tudo isso porque o professor parece não lembrar que seu aluno é um falante nativo que exerce total domínio sobre sua língua, sem ter necessidade de regras gramaticais. Conseqüentemente, também esquece que a linguagem não existe sem interação social, já que ela é uma

manifestação do funcionamento da mente, e, portanto, um evento humano que faz com que se deva direcionar atenção aos seus usuários.

De acordo com a autora, a “língua padrão” é aquela estabelecida por autores chamados “clássicos”. Entretanto, deve-se lembrar que não são os padrões que impõem o uso, e sim o uso que dita padrões considerando que diferentes usos devem ser adequados a diferentes situações. Além do mais, com a significativa expansão dos meios de comunicação, não é mais apropriado considerar a Literatura a única fonte de referência para uma “língua padrão”.

Tendo surgido na Grécia Antiga, a Gramática Tradicional era uma forma de assegurar que o falar “bárbaro”, “impuro”, não tomaria conta da língua clássica, e, para isso, criou-se um conjunto de regras a ser seguido, determinando o falar superior e modelar.

Segundo Moura Neves (2004), atualmente não temos o problema dos gregos de ter que “salvar” uma língua ameaçada, mas temos uma sociedade extremamente competitiva. Desse modo, ao povo lhe agrada a “boa linguagem” por ver nela uma forma de inserção social, adequando a linguagem à situação na qual ela deverá ser utilizada como meio de garantir que, através da língua prestigiada, o lugar na sociedade esteja assegurado.

O fato é que o crescimento dos estudos sociolinguísticos (variação) e a valorização da língua oral provaram que a heterogeneidade não é problema, e sim solução, já que é uma característica da língua viva. Essa variedade tem complexidade suficiente para adequar-se à situação necessária. Com isso, relativizam-se os conceitos de certo e errado, sendo que uma espécie de língua pode ser “certa” (adequada) para um contexto comunicativo e “errada” (inadequada) para outro.

Mesmo assim, cita Moura Neves (2004), a escola continua impondo padrões e valorizando modelos. Foi ela, inclusive que instituiu a modalidade escrita como a mantenedora da gramática normativa, dando exclusividade a ela e ignorando a língua oral.

O “bom uso” se fixou na escrita e a língua falada passou a ser considerada “menor”, vulnerável às transgressões. Ignorou-se que as “transgressões” (repetições, inserções,

hesitações...) na conversação exercem um papel e existem para conduzir a construção do sentido, ou seja, são desejáveis.

O que deve ocorrer, portanto, é a valorização de todas as linguagens, nunca desvinculando a “boa linguagem” do uso efetivo. A escola deve propiciar contato harmonioso de todas as modalidades e variações da linguagem, fala e escrita, padrão e coloquial. Tudo isso apontando a necessidade de se adequar cada uma ao contexto em que se insere, e reconhecendo a importância que todas possuem.

Por tais motivos que, de acordo com Moura Neves (2004), a gramática deve ser um meio de se refletir sobre a linguagem e seu uso, e, acima de tudo, o que busca é o sucesso na interação. O questionamento sobre o uso da linguagem propicia desenvolver o pensamento e produzir uma linguagem com sentido, já que, afinal, a língua é utilizada pelo falante para construir sentido. Segundo Moura Neves (2004), privilegiar a reflexão é exatamente a razão de preconizar-se um tratamento da gramática que vise ao uso lingüístico.

2.2 POSSENTI E ANTUNES: A GRAMÁTICA E AS GRAMÁTICAS

Sírio Possenti (2005), valendo-se de conceitos sociolingüistas, afirma que não existem línguas uniformes. Assim, todas as línguas variam, ou seja, em nenhuma comunidade os falantes produzirão linguagem idêntica. Além disso, a variedade lingüística é consequência da variedade social. Se há diferenças sociais entre indivíduos e grupos de indivíduos, haverá diferenças na linguagem.

Possenti explica que há dois fatores que estimulam essas diferenças, que são fatores externos e internos à linguagem.

Os fatores externos são em sua maioria geográficos, como da região onde vive, de classe, de idade, de sexo, de etnia, de profissão etc. Isso significa que pessoas que vivem em um determinado lugar “absorverão” as características lingüísticas daquele lugar. Da mesma maneira as pessoas de uma mesma classe social terão similaridades em sua linguagem, e as da mesma idade também, e assim por diante.

Os fatores internos à linguagem são, de certa forma, regidos pelas regras do sistema lingüístico. Assim, as diferenças na linguagem não são casuais, mas sistemáticas. Por isso, não existem “erros” de fala, já que há certas ocorrências que nenhum falante nativo cometerá. Por isso, é perfeitamente possível identificarmos a forma *dois real* no uso da língua, mas nunca ouviremos a forma *eu querem*.

Possenti discute que alguns sonham em unificar a linguagem. Esse sonho utópico, segundo o autor, é fruto de uma mania por repressão ou medo da variedade, que é uma das melhores coisas já criadas pela humanidade. Não fosse pela variedade lingüística, pelas alternativas de uso que temos, não haveria humor, poesia, maneiras de expressar atitudes diferentes etc.

Outra questão ressaltada pelo autor é que a uniformidade lingüística não pode existir se não houver também uniformidade social, o que é impossível. Isso nos leva ao fato de que não existem línguas imutáveis.

Outra questão importante que nos conduz a essa conclusão é a evolução das línguas. Afinal, sabemos muito bem que o português não foi sempre português. Antes, o que existia era o latim, e antes do latim, outras línguas, que deram origem a ele. A conclusão que tiramos desse exemplo, e que é um dos poucos fatos da linguagem que não é questionado, é que as línguas evoluem e estão sempre em mutação.

Possenti (2005) discute que se as línguas mudam é normal que os falantes não conheçam certas formas. E essas formas não são apenas as antigas, como as formas latinas ou as usadas por nossos avós, mas formas ainda atuais, apenas não mais utilizadas daquela

maneira. Um exemplo simples é a forma do futuro em português. Todos concordarão que não é nada arcaico dizer *eu irei dançar hoje*. No entanto, essa forma de futuro atualmente é utilizada formalmente, como em textos escritos, por exemplo. Muito mais comum entre os falantes é *eu vou dançar hoje*. Outro exemplo é a regência. A forma *eu vou assistir ao filme* tem sido substituída por *eu vou assistir o filme*. E mesmo as pessoas mais cultas utilizam as novas formas, o que comprova que não se trata de um “erro” de estrutura, mas de uma mudança natural na língua. Essas mudanças são, inclusive, explicáveis. Por isso, reafirmamos, não se trata de cometer erros, mas de falar o português atual, vivo.

É por isso que Possenti (2005) afirma que falamos mais corretamente do que imaginamos. Quando alguém tem contato com pessoas de uma classe social menos favorecida que a sua ou pessoas menos escolarizadas, ou até mesmo de uma região diferente da sua, é comum ouvir comentários do tipo “ele não sabe falar português” ou “ele fala tudo errado”. Esses comentários, bastante comuns e bastante equivocados, nos levam a questionar o que são erros, e, conseqüentemente, o que são regras e regras gramaticais. E ainda, quais são os verdadeiros critérios para considerar algo errado ou certo.

Segundo Possenti (2005), ao falar em regras podemos chegar a dois sentidos: 1) a idéia de obrigação, aproximando-se da idéia de lei em sentido jurídico, algo que se obedece sob pena de alguma sanção; 2) a idéia de regularidade e constância. As regras gramaticais, para o autor, se aproximam do primeiro sentido aqui apresentado. Expressam uma obrigação e uma avaliação que diz que o que não está de acordo com o que ela dita está errado, daí o conceito de erro a partir da gramática: tudo o que transgride suas leis. Ainda segundo o autor, as regras gramaticais têm uma visão estereotipada, já que impõem uma forma prestigiada, e artificialmente simplificada da língua por serem superficiais e vagas e nos darem impressão de exaustividade.

Quanto aos erros, se considerarmos que a língua é uma realidade essencialmente variável, não haverá mais formas ou expressões intrinsecamente erradas. Haverá, sim, formas

adequadas ou inadequadas para essa situação ou aquela, já que, como sabemos, não há porque deixar um bilhete na geladeira com as formas *vossa senhoria* ou *a senhorita*, assim como não é adequado tratar um membro da monarquia por *tu*.

Sendo assim, Possenti (2005) nos mostra que todos os que falam sabem falar, ou seja, os falantes têm total domínio de sua língua materna, mesmo que sem ter plena consciência disso.

As regras gramaticais, como mostradas logo acima, e, por que não dizer, o tratamento inadequado da escola em relação ao “erro”, deixam em muitas pessoas a falsa impressão de que não sabem português. Entretanto, essas pessoas falam o tempo todo, e não estão falando russo, espanhol ou mandarim. Logo, elas sabem o português. E se elas sabem português, elas conhecem a gramática do português. Aqui, é claro, não nos referimos às regras gramaticais tão criticadas acima, mas à gramática internalizada, aquela que permite ao falante nativo ter pleno domínio sobre sua língua, mesmo sem ter colocado seus pés em uma escola por um único dia em sua vida.

2.3 GRAMÁTICA E TEXTO/SENTIDO

Tendo como objetivo neste capítulo discutir o que é gramática e que gramáticas existem, nos parece fundamental questionar as relações da gramática com o texto e com o sentido.

Em sua obra *Gramática – ensino plural*, Luiz Carlos Travaglia (2003) levanta algumas questões que nos parecem de importância inquestionável, especialmente se temos a intenção de estudar um item gramatical à luz de uma teoria enunciativa. As questões de Travaglia (2003) envolvem a sala de aula, que, como sabemos, não é foco desse trabalho. Por isso, adaptamos algumas dessas questões aqui:

- a) O que fazer frente às variedades lingüísticas?
- b) Qual é a concepção que se tem de linguagem, de gramática e de texto?
- c) Qual a relação entre gramática e leitura/compreensão de texto?

A pergunta (a) nos parece já haver sido debatida acima por Moura Neves (2004) e Possenti (2005). Concentraremos-nos, portanto, nas questões (b) e (c).

A princípio é necessário esclarecer que a gramática de uma língua não é a língua em si, mas parte dela. Isso nos leva a perceber que além da gramática há outras diversas partes que constituem uma língua, e que não podem ser deixadas de lado. E mais importante ainda é perceber que essas partes funcionam juntas, e que, mesmo que nós estudiosos as separemos para melhor analisá-las, elas ainda funcionam juntas. Por isso é inaceitável assumir a postura de que texto e gramática são coisas diferentes, ou que se estudamos texto não estudamos gramática e vice-versa.

Além disso, como enfatiza Travaglia (2003), o ser humano se comunica por meio de textos. Assim, comunicar-se significa produzir sentido entre o produtor do texto e o receptor dele. Restringindo-se à comunicação lingüística, pode-se dizer que uma seqüência lingüística é um texto quando se produz sentido do produtor para seu receptor. Do contrário, o que se tem é uma soma de elementos da língua, mas não um texto.

Como muito bem explica Travaglia (2003), são todos os recursos da língua em todos os seus planos (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático) e todos os seus níveis (lexical, frasal, textual-discursivo) em termos de unidades e estruturas que constroem o sentido. Eles funcionam, na verdade, como pistas e instruções de sentido.

Assim, tudo que é gramatical é textual, e tudo que é textual é gramatical. Por isso, ao estudarmos aspectos gramaticais de uma língua, estamos estudando recursos dos quais se vale o produtor para constituir seus textos produzindo efeito de sentido para seu receptor, e ao estudarmos um texto estudamos como esses recursos funcionam na interação comunicativa.

2.4 TIPOS DE GRAMÁTICA

Explicitaremos nesta sessão alguns tipos de gramática. Nosso objetivo é diferenciar essas gramáticas e, em seguida, discutir o articulador *mas* em algumas delas, a fim de verificar que tratamento é dado a ele por essas teorias da linguagem.

2.4.1 Gramática Normativa

Possenti (2005) define a gramática normativa como um conjunto de regras que devem ser seguidas. Ela apresenta um conjunto de regras relativamente explícitas e coerentes que, se dominadas, dão acesso a uma escrita e fala de acordo com a norma padrão do uso da língua. O não uso da variedade imposta pela gramática normativa é considerado por ela erro.

2.4.2 Gramática Descritiva

Outra possível definição de gramática é a descrição ou explicação de uma língua ANL como ela é falada. Esse tipo de trabalho se preocupa em tornar conhecidas as regras utilizadas pelos falantes. Como já discutimos, o falante nativo sabe a língua que fala, e por isso, domina suas regras. Assim, mesmo quando essas regras não estão previstas pela gramática normativa, elas não deixam de ser regras, já que não são caóticas, mas sistematizadas.

Uma gramática descritiva não tem nenhuma pretensão prescritiva, ou seja, ela não visa ditar regras, mas descrever as regras utilizadas pelos falantes, estejam essas regras na gramática normativa ou não.

Na gramática descritiva não lidamos com “erros”, mas com a aplicação de tal forma por uma sociedade ou outra.

2.4.3 Gramática Internalizada

Na gramática internalizada temos a definição de regras que o falante domina, conhecimentos que habilitam o falante a produzir linguagem de maneira tal que suas frases têm uma seqüência reconhecida como pertencendo a uma determinada língua. É por dominar a gramática internalizada que crianças de tenra idade são capazes de produzir frases que nunca escutaram, derrubando a teoria dos que defendem que aprendemos linguagem por repetição do que ouvimos.

2.4.4 Gramática de Usos

Segundo Moura Neves (2000), a gramática de usos, de maneira similar à gramática descritiva, busca apresentar os usos reais das regras feitas pelos falantes na fala descuidada, genuína. Assim, também não se ocupa de prescrever, mas de explicar e analisar exemplos do uso construído pelos falantes. Também não lida com o conceito de erro.

2.4.5 Gramática Funcional

A gramática funcional se ocupa da organização gramatical das línguas naturais preocupando-se em integrar-se com a interação social. A gramática funcional, como explica Moura Neves (1997), considera a competência comunicativa no sentido de perceber a capacidade dos falantes de não apenas codificar e decodificar elementos lingüísticos, mas de usar e interpretar essas expressões de maneira satisfatória.

Sendo assim, a gramática funcional trabalha sempre com o uso das expressões lingüísticas na interação verbal, o que pressupõe levar em consideração o aspecto sintático-semântico da linguagem.

2.5 DESMISTIFICAÇÕES EM RELAÇÃO À GRAMÁTICA

Na obra *Muito além da gramática*, Irlandé Antunes (2007) se ocupa de desmistificar algumas “lendas” criadas em torno da gramática. São elas:

- Língua e gramática são a mesma coisa;
- Basta saber gramática para falar, ler e escrever com sucesso;
- Explorar nomenclaturas e classificações é estudar gramática;
- A norma prestigiada é a única lingüisticamente válida;
- Toda atuação verbal tem que se pautar pela norma prestigiada;
- O respaldo para aceitação de um novo padrão gramatical está prioritariamente nos manuais de gramática.

Vejamos uma por uma.

2.5.1 Língua e gramática são a mesma coisa

Segundo Antunes, acreditar que língua e gramática são a mesma coisa é fruto de uma absoluta ingenuidade. Saber gramática não implica saber uma língua, assim como saber uma língua não implica saber sua gramática normativa. A gramática normativa pode regular muito, mas não pode regular tudo. Por isso, ela não é capaz de prever o uso que será feito por parte

dos falantes. Assim, para saber uma língua não basta saber sua gramática porque ela jamais será capaz de contemplar todos os usos, o que deixa uma enorme lacuna. Essa lacuna só pode ser preenchida no uso real da linguagem pelos falantes, tendo em vista um produtor e um receptor.

2.5.2 Basta saber gramática para falar, ler e escrever com sucesso

Se língua e gramática não são a mesma coisa, então saber gramática não é recurso suficiente para falar, ler e escrever bem. É uma visão simplista demais a que afirma que a gramática é suficiente para uma boa produção lingüística, seja ela oral ou escrita.

De acordo com Antunes, além do conhecimento de gramática, para ler e escrever com sucesso é necessário, além dos conhecimentos de gramática, um vasto conhecimento do mundo, conhecimento de regras de textualização, entendido pela autora como a maneira de organizar o texto com coerência e sentido, e conhecimento de normas sociais do uso da língua, entendido pela autora como adequação ao gênero textual e à situação de uso.

2.5.3 Explorar nomenclaturas e classificações é estudar gramática

Antunes explica que é comum que se faça uma grande confusão entre regra gramatical e nomenclatura gramatical. Se estudar gramática não é garantia de uma boa fala ou escrita, estudar nomenclaturas e classificações então, menos ainda. Conhecer nomes e classificações não implica saber fazer uso adequado delas, nem é garantia de ter conhecimento gramatical, além de que, por diversas vezes, a nomenclatura e a classificação são polêmicas, isso sem mencionar as famosas exceções às regras.

2.5.4 A norma prestigiada é a única lingüisticamente válida

Para comprovar que essa afirmação é falsa, vejamos alguns fatos da norma chamada “cultura”:

- Ela não é necessária em todas as situações de interação verbal, apenas algumas;
- Ela exige uma certa formalidade, tornando-se desnecessária em situações coloquiais, o que restringe ainda mais seu uso;
- É mais necessária e mais utilizada na linguagem escrita, que é cuidada, medida, pensada. Não é necessária na maioria dos textos orais, que tem por característica a espontaneidade, a fala descuidada, a fala vernacular, utilizando-se um termo sociolingüístico.

Pois bem, se na maioria das situações de comunicação a norma culta não é necessária, por isso não é utilizada, é obviamente necessário que haja outras variedades de linguagem. Sendo assim, é claro que a norma culta não é a única lingüisticamente válida.

2.5.5 Toda atuação verbal tem que se pautar pela norma prestigiada

Novamente damos atenção ao fenômeno da variação lingüística. Já sabemos, e é fato, que as línguas variam e que não há língua uniforme. Ignorar essa realidade e insistir que a atuação verbal deve ser regida pela gramática normativa, é, no mínimo, preconceito lingüístico. Se sabemos, inclusive, que há situações sociais diferentes, então haverá usos da língua diferentes.

2.5.6 O respaldo para aceitação de um novo padrão gramatical está prioritariamente nos manuais de gramática

O respaldo para aceitação de um novo padrão gramatical não está nos manuais, mas está no uso. Por isso um manual não pode “frear” uma língua. Se pudesse, as línguas não evoluiriam, e é fato que elas evoluem. Antunes explica que o papel de importância dispensado aos manuais de gramática é muito maior do que eles de verdade merecem, o que acaba limitando os usuários e criando esses mitos todos.

2.6 AS GRAMÁTICAS E O MAS

O articulador *mas* tem sido tema de estudo de diversas gramáticas e diversos autores. Faremos aqui uma discussão dos principais deles: as gramáticas normativa, descritiva, de usos e funcional e as conjunções através da coesão textual pela Linguística do Texto.

2.6.1 Gramática Normativa

Iniciemos pela gramática normativa. Para ela, o *mas* é uma conjunção coordenativa adversativa, entendendo conjunção como uma palavra invariável que liga orações ou termos de uma mesma função sintática, e coordenativa como uma conjunção que liga orações ou termos sintaticamente independentes (Sacconi, 1994). O *mas* é considerado uma conjunção adversativa porque exprime essencialmente ressalva de pensamentos, que pode expressar oposição, retificação, restrição, compensação, advertência ou contraste. Junto com o *mas*

estão nessa categoria o *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*, *no entanto* e *não obstante*. Como exemplos destas categorias, Sacconi apresenta:

- OPOSIÇÃO: Luís trabalha muito, mas ganha pouco.
- RETIFICAÇÃO: Elisa é criança, mas é uma linda criança.
- RESTRIÇÃO: Foi ao baile, porém dançou pouco.
- COMPENSAÇÃO: Não fomos os campeões, todavia exibimos o melhor futebol.
- ADVERTÊNCIA: A rodovia é boa, contudo é muito movimentada.
- CONTRASTE: O esqueleto do homem é interno: os insetos, entretanto, trazem o esqueleto fora do corpo.

A gramática normativa também chama a atenção para outras conjunções e elementos que podem exercer função de *mas*. Ainda em Sacconi:

- Juçara fuma, e não traga. (e = mas)
- Veio de automóvel, quando poderia ter vindo a pé. (quando = mas)
- Gosto muito de Cristina, agora, beijar os pés dela, não vou. (agora = mas)
- O homem, faminto, não comia, antes engolia os alimentos. (antes = mas)
- “O maior fator da evolução humana não é a inteligência, senão o caráter.”
(senão = mas).

2.6.2 Gramática Descritiva

Analisando agora a gramática descritiva, através de Mário Perini (2005), veremos que o *mas* é considerado um coordenador que pode coordenar somente dois elementos, e nunca mais do que isso. Isso ocorre porque se colocaria *e*, e não *mas*, entre os demais elementos. Além disso, Perini (2005) enfatiza que o *mas* pode ser encontrado ligando adjetivos ou verbos, mas nunca sintagmas nominais. É interessante que, para a gramática descritiva, diferentemente da normativa, outras conjunções como *porém*, *contudo*, *todavia*, *senão*, *não obstante*, etc, não são colocadas na mesma categoria do *mas*. Elas também são estudadas como coordenadores, mas é enfatizada a diferença de uso entre elas. Perini (2005) explica que as diferenças de comportamento entre essas conjunções ainda não foram estudadas, assim, ele se concentrará no *porém*. Para ele, uma das diferenças entre *mas* e *porém* é sua colocação na frase, já que *porém* pode ocorrer em outras posições que não antes da segunda oração coordenada, como nos exemplos:

- Titia adormeceu; porém vovó continuou a cantar.
- Titia adormeceu; vovó, porém, continuou a cantar.
- Titia adormeceu; vovó continuou, porém, a cantar.
- Titia adormeceu; vovó continuou a cantar, porém.

Esses diversos posicionamentos não são possíveis com *mas*, e é o que principalmente os distingue, já que *porém* tampouco pode coordenar sintagmas nominais ou mais que dois elementos.

2.6.3 Gramática de usos

De acordo com os estudos da Gramática de Usos do Português (Moura Neves, 2000), o *mas* é uma conjunção coordenativa que marca relação de desigualdade entre os elementos coordenados, e, sendo assim, não há recursividade entre os dois elementos, já que o *mas* pode coordenar apenas dois elementos. Esses elementos podem ser sintagmas (Ângela riu fraca *mas* intensivamente), orações (O garçom tem cara de mentecapto, *mas* isto não me afeta grande coisa) e enunciados (Se se come bem não sei, *mas* que se bebe bem, bebe-se!)

Sobre o valor semântico do *mas*, tem-se o seguinte:

- Marcando contraste: Vou bem, *mas* você vai mal.
- Marcando compensação: Discurso longo, *mas* lido com voz clara.
- Restringindo: Queria que o filho fosse ministro, *mas* ministro protestante.
- Negando inferência: Cingiu-se, assim, o meu Governo a um plano, certamente amplo, *mas* perfeitamente exeqüível.
- Contraposição na mesma direção: O sertão, para ele, não é uma coisa, *mas* principalmente uma idéia e um sentimento.
- Contraposição na direção independente: Gostaria de ver o Zico na Gávea até a morte, *mas* reconheço que ele tem direito a este último contrato milionário.
- Eliminação do membro coordenado anterior: Ele abriu a boca para responder à insolência, *mas* conteve-se.

A Gramática dos Usos também enfatiza que alguns empregos de *mas* ocorrem somente quando ele está no início do enunciado. São eles:

- Contraposição: -Vá plantar meu arroz, já, já. –Mas patrãozinho, mas plantar sem...
- Eliminação do elemento anterior: -Terá sido mesmo? Mas não, não pode ter sido.
- Mudar o foco da conversação: -Elvira está ótima, não?
– Felizmente. Mas de que é que estávamos falando?
- Introdução de novo tema: Depois (as mulheres) falavam de roupas, sem constrangimento. De roupas, de empregadas e do zelo com as crianças (...) Mas os homens permaneciam no outro canto da sala e um deles contava coisas de viagem.

2.6.4 Gramática Funcional

Para a gramática funcional, tendo aqui como base Moura Neves (2006), o conceito de conjunção, citando Halliday e Hasan (1976, p. 11), é de “uma especificação semântica do modo pelo qual o que vai seguir-se está sistematicamente ligado com o que veio antes.” Para a gramática funcional, além de se estudar o que esse conceito representa, também é necessário observar que muito frequentemente as conjunções iniciam frases, parágrafos e obras, e, sendo assim, constituem, além da organização sintática, articuladores de alto valor semântico-discursivo. Sendo assim, a definição normativa de conjunção, que afirma que elas são palavras que relacionam dois termos de idêntica função gramatical (Cunha, 1975) não é suficiente, sendo também necessário estudar as ocorrências interfrásicas das conjunções, buscando determinar a definição de cada elemento, o valor básico comum a eles e os diferentes empregos desses elementos.

Especificamente sobre o *mas*, a gramática funcional explica que seu valor semântico básico é de desigualdade, sendo que o *mas*, de um modo ou de outro, expressa a relação entre

dois segmentos desiguais entre si. O emprego de *mas* representa, assim, o registro de desigualdade entre os segmentos. As indicações gerais para o *mas*, de acordo com Moura Neves, são:

- DESIGUALDADE: Aliás, a sua causa já está ganha há muito tempo. Mas em segredo e isso aflige.
- CONTRASTE: Em geral costumavam elas ter as suas quatro ou cinco cabeças de galinha, o que lhes dava algum rendimento. Mas na casa de Salu a coisa ia de mal a pior.
- CONTRARIEDADE: Vou bem. Mas você vai mal.
- DESCONSIDERAÇÃO: E como enunciara Ermelinda, o novo homem, sem que esta ficasse feliz? Mas este seria um problema para resolver mais tarde.
- ANULAÇÃO: Será que pé gasta? Diz que de quem trabalha em salina gasta. Mas eu não; agora sou jornalista.
- REJEIÇÃO: Terá sido mesmo? Mas não pode ter sido.
- REFUTAÇÃO: - Os bichos comem a gente.
- Mas a gente não é só isso.

Assim, para a gramática funcional, sempre que ocorrer *mas*, haverá oposição (grau mínimo: desigualdade; grau máximo: anulação) e admissão (grau mínimo: reconhecimento ou registro da ocorrência; grau máximo: concessão).

Moura Neves (2006) também enfatiza que o *mas* tem um papel bastante significativo na organização textual. Ele é um elemento importante na abertura de novos caminhos, já que através dele surgem novos temas, diferentes focos que conduzem para rumos desviantes.

2.7 AS CONJUNÇÕES ATRAVÉS DA COESÃO TEXTUAL PELA LINGÜÍSTICA DO TEXTO

Encontramos também estudos de conjunções na coesão textual da Lingüística do Texto, que, aqui representada por Koch (2005), conceitua coesão como mecanismos que vão tecendo o texto. Assim, um texto não é uma mera seqüência de frases isoladas, mas de frases relacionadas entre si. Nessas relações existem mecanismos que assinalam as relações de sentido entre enunciados. Alguns desses mecanismos são finalidade (para), conseqüência (foi assim que), (e), localização temporal (até que), explicação ou justificativa (porque), adição de argumentos ou idéias (e) e oposição ou contraste (mas, mesmo).

Exemplos dados por Koch (2005) para ilustrar o mecanismo de oposição ou contraste são:

- Os urubus, aves por natureza becadadas, mas sem grandes dotes para o canto, decidiram que, mesmo contra a natureza, eles haveriam de se tornar grandes cantores.
- E nunca apresentaram um diploma para provar que sabiam cantar, mas cantavam, simplesmente...

De todas as teorias acima, nos parece que nenhuma dispensa verdadeira atenção ao papel argumentativo do *mas* e às suas funções em relação ao contexto lingüístico. Por estudar o contexto lingüístico e as relações entre palavras, enunciados e discursos, a Teoria da Argumentação na Língua nos parece preencher as lacunas de sentido deixadas por outras teorias para o estudo que se propõe.

3 A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

A Teoria da Argumentação na Língua (ANL), concebida por Jean-Claude Anscombe e Oswald Ducrot, e, posteriormente, reformulada por Marion Carel e Oswald Ducrot, é uma teoria semântica, estruturalista e enunciativa.

O objetivo maior da ANL é provar que a argumentação está na língua, não em fatos externos ou no mundo real. Sendo assim, a função primeira da linguagem é argumentar, entendendo-se argumentar por dar seu ponto de vista sobre o que está sendo dito, e não meramente descrever o mundo ou informar sobre ele. Pode-se dizer, portanto, que, ao enunciarmos, o mundo passa pela nossa linguagem. É por isso que o mundo é o que dizemos dele, e, deste modo, não há possibilidade de termos acesso ao mundo dito real.

Por tais razões, os autores da ANL rejeitam a concepção tradicional de verdade. Segundo afirma a ANL, cada locutor expressa a sua própria verdade através da linguagem que usa. Essa questão é deixada muito clara por Ducrot (1988) quando o autor discute a concepção tradicional de sentido. Ele explica que, normalmente, no sentido de um enunciado se distinguem três tipos de indicações: objetiva, subjetiva, e intersubjetiva. A indicação objetiva remete à representação da realidade, a subjetiva à atitude do locutor frente à realidade e a intersubjetiva se refere às relações do locutor com as pessoas a quem se dirige.

No exemplo *Pedro é inteligente*, podemos identificar essas indicações bem claramente. O sentido do enunciado é objetivo porque se faz uma descrição de Pedro. É subjetivo porque há uma espécie de admiração do locutor por Pedro, o que indica seu ponto de vista sobre o sujeito de quem se fala, e é intersubjetivo porque permite, por exemplo, que se peça ao interlocutor que confie a Pedro uma tarefa, já que se trata de uma pessoa inteligente o suficiente para tal.

A crítica de Oswald Ducrot sobre essas indicações consiste em questionar o valor objetivo do sentido do enunciado. Para ele, a linguagem não pode ser objetiva porque ela não

é uma mera representação da realidade, mas o locutor coloca seu ponto de vista sobre o que é dito. Assim, para Ducrot, existem somente as indicações subjetiva e intersubjetiva.

A fim de justificar essa teoria, o autor cria hipóteses para a ANL, que são externas e internas. Vejamos a seguir.

3.1 AS HIPÓTESES DA ANL

A ANL possui hipóteses externas e internas. As hipóteses externas são o estruturalismo e a enunciação. Iniciemos pelo estruturalismo.

Sendo uma teoria estruturalista, a ANL busca em Saussure seus conceitos mais importantes, mesmo que eles sejam, às vezes, reformulados pelos autores da teoria. Conceitos saussurianos presentes na ANL são, principalmente, a dicotomia língua X fala, o conceito de signo lingüístico e a noção de relação. A teoria também herda do estruturalismo a busca por regras e generalizações.

Na leitura feita por Anscombre e Ducrot (1994), esses conceitos serão adaptados. Enquanto que, para Saussure, língua e fala serão conceitos distintos, sendo que, para ele, a língua é o sistema, o aspecto social da linguagem, e a fala o uso do sistema pelos falantes, o aspecto individual, para Anscombre e Ducrot os dois são inseparáveis. Isso porque, explicam os autores, não se tem acesso à língua senão pela fala. Esquematizemos assim:

	SASSURE	DUCROT
Entidade abstrata	língua	frase
Entidade concreta	fala	enunciado
	Susceptível de separação	Sempre articulados

Também vem do estruturalismo o conceito em que está baseada toda a ANL: a noção de relação. Saussure, através dos signos, que para ele são entidades psíquicas de duas faces, um significante (a imagem acústica do som) e um significado (o conceito), explica que um signo é o que outro não é. Assim, Anscombre e Ducrot (1994) analisam que o significado não tem relação alguma com seu referente no mundo ou com o conceito psicológico que os falantes poderiam ter dele, ou com as coisas e as idéias, mas está, sim, relacionado com os outros signos. Por isso, tem-se uma relação estritamente lingüística, e não uma relação com o mundo.

Se recordarmos as relações sintagmáticas propostas por Saussure, veremos que essas relações são estabelecidas entre os termos no discurso, de caráter linear, e que, por isso, excluem a possibilidade de se pronunciar duas palavras ao mesmo tempo, já que os elementos se alinham um após o outro na fala. O termo colocado em um sintagma só adquire o valor que tem pela oposição entre ele e os elementos que o antecedem e sucedem. Essa noção de relação é utilizada na ANL, já que, para essa teoria, é a relação entre palavras, enunciados e discursos que constrói o sentido.

Sendo assim, a ANL recusa veementemente a noção de sentido literal. O sentido literal é refutado porque é fechado, ou seja, a palavra já tem um sentido pronto e a ele apenas se acrescenta a situação de uso. O que ocorre é que, se justamente o sentido é resultado da relação de um elemento lingüístico com outros, esse elemento não pode ser provido de um único e imutável sentido. Se fosse assim, o sentido estaria pronto antes do uso, o que não é possível, pois é o uso que o locutor faz desse elemento que lhe dá esse ou aquele sentido.

Certamente compreendemos que um elemento lingüístico deve conter certo sentido básico, por assim, dizer, do contrário a comunicação entre falantes seria impossibilitada. Aqui nos cabe bem uma explanação de Benveniste (1989), que diz que cada palavra tem uma parte de seu sentido preenchida e outra vazia, e que essa parte vazia será preenchida no uso a partir das palavras que vem antes e depois.

Pensemos assim: se não houvesse relação entre os elementos da frase, e se ela não fosse responsável por construir o sentido do enunciado, para cada evento sobre o qual desejamos falar deveria existir uma palavra, o que seria insuportável para memória humana. Quando dizemos, por exemplo, *livro verde*, *livro grande*, *livro caro*, *livro de matemática*, fazemos uso da mesma palavra *livro*, mas em cada caso esse vocábulo terá um sentido diferente construído pela relação de *livro* com os outros elementos lingüísticos que o acompanham. Sendo assim, não é preciso estocarmos em nossa memória uma palavra diferente para *livro verde*, outra para *livro grande*, outra para *livro caro* e outra para *livro de matemática* porque da relação de *livro* com outras palavras esse sentido pode ser construído.

Pensando no conceito de Benveniste mencionado acima, percebemos pelos exemplos que *livro* possui um sentido básico, que se é, digamos, uma brochura com páginas impressas, e que também possui um espaço vazio, que será preenchido por *verde*, *grande*, *caro* e *de matemática*, e que por isso, o livro não é o mesmo em cada situação.

É também pela noção de relação que chegaremos ao valor argumentativo, conceito fundamental da ANL. O valor argumentativo, que posteriormente será chamado por Ducrot e Carel (2005) de encadeamento, é a orientação que uma palavra dá ao discurso. Diz Ducrot (1988) que o emprego de uma palavra torna possível ou impossível certa continuação ao discurso e o valor argumentativo de uma palavra é o conjunto de possibilidades ou impossibilidades de continuação discursiva que seu emprego determina.

Vejamos os seguintes enunciados:

- (a) Ele estudou pouco.
- (b) Ele estudou um pouco.

A continuação que cada enunciado nos permite é oposta. Em (a), *pouco* permite que continuemos com *portanto será reprovado*. Em (b), *um pouco* permite a continuação *portanto será aprovado*.

É essa noção de relação, tanto a relação entre elementos do enunciado, quanto a relação entre locutor e interlocutor que faz da ANL uma teoria enunciativa. A ANL também é uma teoria enunciativa porque se ocupa do produto da enunciação, o enunciado, e também porque estuda esse enunciado levando em consideração a sua realização de um locutor para um interlocutor em um determinado tempo e espaço.

Sobre as hipóteses internas da ANL, encontraremos nelas os conceitos criados por Anscombe, Ducrot e Carel para a teoria, entre vários outros, os de significação e sentido, frase e enunciado, texto e discurso, encadeamento argumentativo, bloco semântico, aspectos normativos e transgressivos, argumentação interna e externa e polifonia. Esses conceitos serão abordados a seguir.

3.2 FRASE E ENUNCIADO; SIGNIFICAÇÃO E SENTIDO; TEXTO E DISCURSO

A fim de confirmar sua primeira hipótese de que a argumentação está na língua, Ducrot e seus co-autores desenvolveram conceitos fundamentais para a compreensão da teoria, e entre eles estão frase e enunciado, significação e sentido e texto e discurso.

Para Ducrot (2005), a frase é uma entidade teórica não observável. É a combinação de palavras segundo regras sintáticas. O enunciado, por sua vez, é uma realidade empírica que pode ser observada. Sendo assim, se ouvirmos em um dia três vezes *o tempo está lindo*, teremos três enunciados de uma mesma frase. Isso faz com que o enunciado seja uma das múltiplas realizações possíveis de uma frase.

A frase e o enunciado possuem um valor semântico. A frase contém uma significação e o enunciado é dotado de sentido. Por isso pode-se definir a significação como o valor semântico da frase, e o sentido como o valor semântico do enunciado.

Como diferença quantitativa, sabemos que o enunciado diz muito mais do que a frase que realiza, já que há marcas de espaço e tempo no enunciado que não há na frase. Como diferença de natureza, devemos levar em conta que compreendemos o sentido do enunciado a partir da maneira como ele é empregado. Para a ANL, na significação da frase existem instruções que determinam o que fazer para encontrar o sentido no enunciado.

Essas instruções são uma espécie de conexão entre a frase e o enunciado. Elas são regras ou generalidades tiradas do uso. A partir da análise de diversos discursos, se encontra algo em comum no uso de tal elemento. As instruções dizem que a partir do sentido se chegará à significação, assim como é a partir da significação que se resgata o uso. Trata-se, portanto, de uma interdependência, já que, em outras palavras, as instruções buscam o uso, mas é através da observação do uso que se chega até elas. É pela existência de instruções que a ANL rejeita o sentido literal. Enquanto as instruções são abertas, o sentido literal é fechado. Isso quer dizer que, pelas instruções, o interlocutor é capaz de resgatar o sentido construído no

enunciado pelo locutor. Pelo sentido literal isso não seria possível, já que ele pressupõe a existência de somente um sentido, que seria apenas complementado pelo contexto em que está inserido.

Em relação a texto e discurso, Ducrot explica que enquanto a frase e o enunciado estão em nível elementar, o texto e o discurso estão em nível complexo. Isso porque o texto é composto de várias frases e o discurso, de vários enunciados. Entretanto, não se deve imaginar que o discurso é uma mera soma de enunciados. Ele é, sim, uma “rede” de enunciados interligados, o que permite que o sentido seja construído.

3.3 A TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS

Em sua tese, em 1992, Marion Carel, orientanda de Oswald Ducrot, sugeriu reformulações metodológicas à ANL, a fim de torná-la ainda mais fiel ao objetivo de provar que a argumentação está na própria língua, e não em fatos externos. A partir dessas reformulações foi instituída a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), teoria que está inserida na ANL. Vejamos a seguir o que propõem Carel e Ducrot com a TBS.

3.3.1 Encadeamentos Normativos e Transgressivos e o conceito de Bloco Semântico

Encadeamentos argumentativos são discursos que o sentido de uma entidade lingüística evoca, e são constituídos de dois segmentos (X, o suporte e Y, o aporte) unidos por um conector. Assim, teremos:

\boxed{X} conector \boxed{Y}
 $\boxed{\text{rico}}$ portanto $\boxed{\text{feliz}}$

Para a TBS, os encadeamentos podem ser normativos ou transgressivos. Serão normativos se estiverem de acordo com a verdade do locutor, e transgressivos se não forem a

norma do locutor. Os conectores serão DC (*fr. donc* = portanto) e PT (*fr. pourtant* = no entanto).

A esquematização será:

Encadeamento Normativo

X DC Y

rico DC feliz

Encadeamento Transgressivo

X PT neg Y

rico PT neg feliz

É importante salientar que DC e PT, normalmente lidos como “portanto” e “no entanto”, são protótipos de outros conectores como *então, por isso, sendo assim, contudo, porém, entretanto*, etc. Também é importante mencionar o caráter interdependente do suporte e do aporte. Isso porque o sentido será construído da relação entre esses dois segmentos em uma “via dupla”, ou seja, do suporte para o aporte e vice-versa. É por isso que Ducrot afirma que o encadeamento é a unidade mínima de sentido. Para verificarmos essa afirmação basta analisarmos o exemplo: *Ele é rico*. Se alguém nos disser essa frase exatamente assim como foi colocada, certamente perguntaremos *E daí? O que você quer dizer com isso?* Sendo assim, ela exige uma continuação para fazer sentido, como por exemplo: *Ele é rico, portanto é feliz*, que pode ser formalizada no encadeamento *rico DC feliz* já apresentado acima.

Nesse encadeamento *rico DC feliz* podemos encontrar a norma do locutor, que é *riqueza traz felicidade*. Pois o sentido *riqueza traz felicidade* extraído do encadeamento é o que Carel e Ducrot chamam de Bloco Semântico (BS).

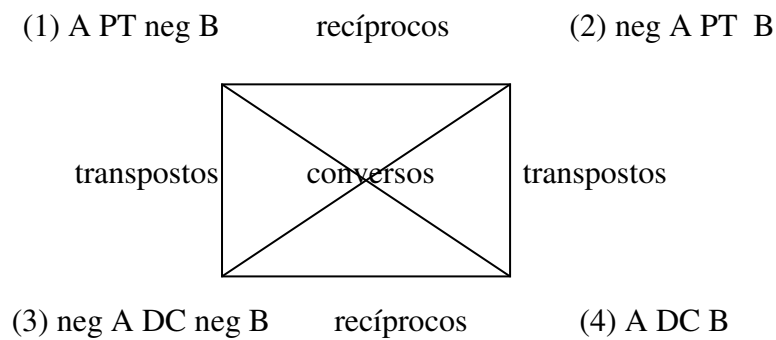
Por isso, o bloco semântico é o sentido que decorre da relação entre suporte e aporte no enunciado produzido pelo locutor.

O conceito de bloco semântico nos leva diretamente ao quadrado argumentativo.

3.3.2 O Quadrado Argumentativo

O quadrado argumentativo representa dois blocos semânticos em oito aspectos. Por aspecto entende-se os conjuntos de encadeamentos normativos e transgressivos. Esses conjuntos estarão esquematizados no quadrado argumentativo:

Bloco Semântico 1:



Então, são recíprocos:

(1) A PT neg B e (2) neg A PT B

(3) neg A DC neg B e (4) A DC B

São conversos:

(1) A PT neg B e (4) A DC B

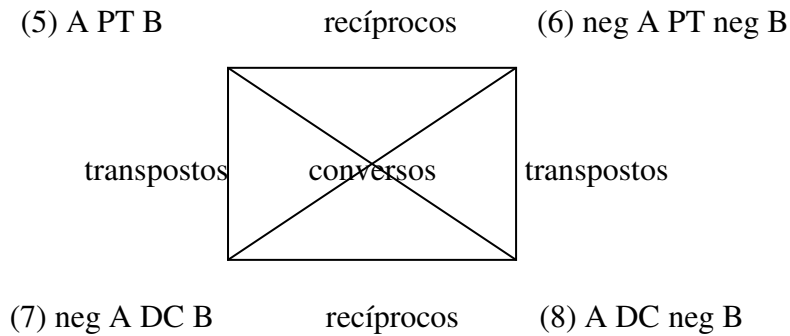
(3) neg A DC neg B e (2) neg A PT B

São transpostos:

(1) A PT neg B e (3) neg A DC neg B

(2) neg A PT B e (4) A DC B

Bloco Semântico 2:



Assim, são recíprocos:

(5) A PT B e (6) neg A PT neg B

(7) neg A DC B e (8) A DC neg B

São conversos:

(5) A PT B e (8) A DC neg B

(7) neg A DC B e (6) neg A PT neg B

São transpostos:

(5) A PT B e (7) neg A DC B

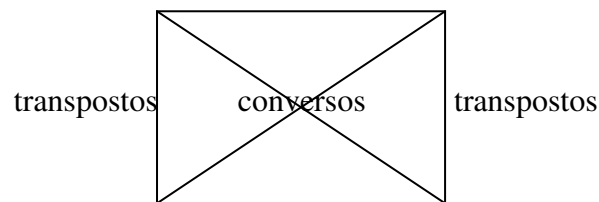
(6) neg A PT neg B e (8) A DC neg B

Assim, cada quadrado representa um bloco semântico e em cada quadrado encontram-se quatro aspectos de um mesmo bloco. Quando o aspecto for converso em relação ao outro, o conector mudará e se acrescentará uma negação. Quando for recíproco, o conector será o mesmo e haverá negação dos dois lados. Quando for transposto, o conector mudará e a negação passará para o suporte. Analisemos um exemplo utilizando o quadrado.

Imaginemos que um indivíduo tenha ganhado muito dinheiro em uma aposta. Diante dos lucros, ele diz *Ganhei muito dinheiro, portanto vou guardá-lo na poupança*. Em um outro lugar, outro indivíduo recebe uma grande indenização por um acidente de trabalho. Esse, por sua vez, dirá *Ganhei muito dinheiro, portanto vou gastá-lo todo*. Inegavelmente temos dois blocos semânticos distintos, sendo eles BS1: dinheiro DC poupança, e BS2: dinheiro DC neg poupança. Esses dois blocos serão representados assim no quadrado:

Bloco Semântico 1:

(1) dinheiro PT neg poupança recíprocos (2) neg dinheiro PT poupança



(3) neg dinheiro DC neg poupança recíprocos (4) dinheiro DC poupança

São recíprocos:

(1) dinheiro PT neg poupança e (2) neg dinheiro PT poupança

(3) neg dinheiro DC neg poupança e (4) dinheiro DC poupança

São conversos:

(1) dinheiro PT neg poupança e (4) dinheiro DC poupança

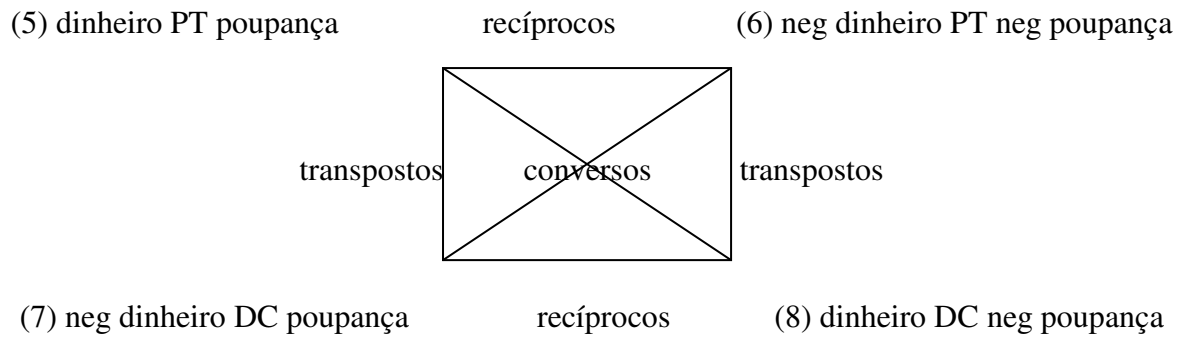
(2) neg dinheiro PT poupança e (3) neg dinheiro DC neg poupança

São transpostos:

(1) dinheiro PT neg poupança e (3) neg dinheiro DC neg poupança

(2) neg dinheiro PT poupança e (4) dinheiro DC poupança

Bloco Semântico 2:



São recíprocos:

(5) dinheiro PT poupança e (6) neg dinheiro PT neg poupança

(7) neg dinheiro DC poupança e (8) dinheiro DC neg poupança

São conversos:

(5) dinheiro PT poupança e (8) dinheiro DC neg poupança

(7) neg dinheiro DC poupança e (6) neg dinheiro PT neg poupança

São transpostos:

(5) dinheiro PT poupança e (7) neg dinheiro DC poupança

(6) neg dinheiro PT neg poupança e (8) dinheiro DC neg poupança

Deste modo, em um quadrado argumentativo estão todos os possíveis aspectos de um bloco semântico.

3.3.3 Argumentação Interna e Argumentação Externa ao léxico e ao enunciado

As noções de Argumentação Interna (AI) e Argumentação Externa (AE) são essenciais para a TBS. A AI e AE são argumentações pertinentes a toda entidade lingüística.

Segundo Ducrot e Carel (2005), a AI é a paráfrase de uma entidade lingüística. Em outras palavras, a Argumentação Interna é o sentido “dentro” da palavra. A AI depende do uso que se faz daquela palavra. Não fosse assim, cada palavra teria um sentido literal, que, como já mencionado anteriormente, é rejeitado pela ANL por pressupor que apenas um sentido é aceitável no uso.

Quanto a AE, sabe-se que ela deriva da palavra e está fora dela. Ducrot (2005) explica que na Argumentação Externa a própria entidade lingüística forma parte dos encadeamentos externos que a descrevem.

Exemplifiquemos, com a AI e AE aplicada ao léxico e ao enunciado.

Ao léxico

Ele é rico, é muito feliz.

AI (rico): muito dinheiro DC satisfação pessoal.

AE (rico): rico DC feliz

Ao enunciado

Ele é rico, é muito feliz.

AI (ele é rico, é muito feliz): rico DC feliz.

AE (ele é rico, é muito feliz): ele é rico, é muito feliz DC sente-se realizado em sua vida.

É muito importante ressaltar que a AI e a AE só podem ser realizadas a partir de palavras plenas, definidas por Ducrot (2005) como todas as palavras que se caracterizam pela evocação de discursos.

Além das palavras plenas, o autor reconhece as palavras gramaticais, ou ferramentas. Essas são divididas em três grupos, que são conectores, articuladores e operadores.

Os conectores, como já vimos, são *portanto* (DC) e *no entanto* (PT), também estereótipos de outros da mesma espécie. Eles ligam os segmentos (suporte e aporte) que constituem os encadeamentos argumentativos.

Os articuladores não ligam segmentos, mas encadeamentos. O *mas* é o exemplo mais claro e mais discutido pela ANL.

Os operadores são, como definem Ducrot e Carel (2005), palavras Y que aplicadas a uma palavra X produzem um sintagma XY cujo sentido está constituído por aspectos que contêm as palavras plenas já presentes na AI e na AE de X. Sendo assim, um operador não acrescenta sentido a uma palavra, mas apenas reorganiza seus constituintes semânticos. Os autores classificam os operadores como modificadores e internalizadores.

Os modificadores não alteram o sentido de uma palavra, mas intensificam ou diminuem sua força. Quando dizemos *problema difícil*, por exemplo, *difícil* não altera o sentido de *problema*, que já carrega consigo um tom de dificuldade, mas aumenta esse sentido de dificuldade. Se, ao contrário, dissermos *problema fácil*, o *fácil* diminuirá a força da dificuldade contida em *problema*. Esses modificadores que atenuam a força de uma palavra Ducrot denomina *modificadores desrealizantes*.

Os internalizadores, por sua vez, são, segundo Ducrot e Carel (2005), a denominação que evoca a idéia de que a AE de X se coloca no interior da AI de XY. O exemplo trazido pelos autores para explicar tal afirmação é o de *buscar em vão*. Segundo eles, quem busca algo tem, pelo menos, a intenção de encontrar. Por isso, há *encontrar* na AE de *buscar*. Sendo assim, teríamos *buscar DC encontrar*. No entanto, a AI de *buscar em vão* é justamente o

aspecto transgressivo disso, sendo *buscar PT neg encontrar*. Por isso se diz que a AE do verbo se internalizou na AI de *buscar em vão*. Os internalizadores podem ser normativos, com aspecto DC e transgressivos, com aspecto PT.

3.3.4 A Polifonia

A polifonia é um conceito que vem sendo desenvolvido por Ducrot desde os primeiros esboços da ANL, e constitui-se de um dos mais importantes para a teoria. Ducrot explica que a polifonia é o discurso de outros evocados implicitamente no discurso do locutor.

O conceito de polifonia de Ducrot foi baseado no de Bakhtin, que empregava o termo “polifonia” para definir quando na literatura havia uma voz (ex: a voz do locutor) ou mais de uma (ex: a voz do locutor e a de personagens).

O autor adaptou esse conceito para referir-se à presença de outros discursos no discurso do locutor, sendo que o sentido do enunciado produzido pelo locutor é o resultado dos diferentes discursos que ali estão.

Para melhor discutirmos a polifonia na ANL, torna-se necessário explicitar os sujeitos levantados por Ducrot.

3.3.4.1 Sujeito empírico, locutor, enunciadores

Os sujeitos presentes na ANL são o sujeito empírico, o locutor e os enunciadores. Vejamos cada um deles.

O sujeito empírico é o sujeito no mundo, o autor efetivo do enunciado. Entretanto, identificar o autor efetivo do enunciado não é uma tarefa simples. Isso porque pode-se dizer que todos os discursos que emitimos são, de uma maneira ou de outra, repetição. Assim, questiona-se quem emitiu o enunciado. Um exemplo dado por Ducrot (2005) é o de uma peça

de teatro. A quem remeteremos o que é dito em uma peça? Ao personagem? Ao ator? Ao escritor da obra? Por isso, não importa para o lingüista da enunciação quem é o sujeito empírico, já que dificilmente ele será identificado. O que interessa ao lingüista é o produto da enunciação, ou seja, o enunciado.

Já o locutor é o verdadeiro responsável pelo enunciado. O indivíduo não é locutor até estar emitindo um enunciado. Portanto, o locutor é o produtor do discurso e só será locutor enquanto estiver produzindo o discurso.

Em relação aos enunciadores (E), Ducrot (2005) diz que eles são as origens dos diversos pontos de vista que se apresentam no enunciado. Assim, os enunciadores não são pessoas, mas pontos de perspectiva abstratos.

Se para Ducrot o sentido é polifônico, no enunciado haverá a possibilidade de certo número de enunciadores, de pontos de vista.

Vejamos o exemplo:

(1) Marcos deixou de praticar esportes.

A polifonia ocorre em (1) no momento em que há um “não dito”. Esse “não dito” são os enunciadores que, como vimos anteriormente, não são pessoas, mas argumentadores, possíveis pontos de vista. Estes pontos de vista não são ditos, mas pressupostos no discurso do locutor. Assim:

(2) Marcos deixou de praticar esportes.

E1: Marcos praticava esportes.

E2: Marcos não pratica esportes agora.

Com isso, se pode analisar (2) da seguinte maneira: na função de sujeito empírico está o sujeito no mundo, na função de locutor está o responsável pelo enunciado (2) e na função de enunciador estão os diferentes pontos de vista que aparecem no enunciado.

3.3.4.2 As atitudes do locutor em relação aos enunciadores

Segundo Ducrot (2005), o locutor pode ter certas atitudes em relação aos enunciadores. Essas atitudes podem ser de assumir um enunciador, concordar com ele ou rejeitá-lo.

O locutor assume um enunciador quando é aquele ponto de vista que ele defende.

Ele concorda com um enunciador quando ele não é necessariamente o ponto de vista que ele assume, mas ele também não discorda daquele enunciador.

Ele rejeita um enunciador quando ele discorda totalmente dele. Vejamos exemplos. Imaginemos que alguém produza o seguinte enunciado:

(3) Pedro é inteligente, no entanto não é bom aluno.

A polifonia ocorrerá da seguinte maneira:

E1: Inteligente, portanto bom aluno.

E2: Inteligente, no entanto não bom aluno.

No enunciado (3), o locutor concorda que Pedro é inteligente, mas assume que, mesmo sendo inteligente, ele não é um bom aluno. Assim, o locutor concorda com o enunciador 1 e assume o enunciador 2.

Agora analisemos o exemplo (4):

(4) O dia não está frio.

Em (4) temos a negação de que o dia esteja frio. Ducrot (2005) explica que uma negação sempre contém em si uma afirmação, já que, se dizemos que o dia não está frio, significa que ele poderia estar. Sendo assim:

E1: O dia está frio.

E2: O dia não está frio.

Em (4), o locutor diz que o dia não está frio, assumindo o enunciador 2, mas, como toda negação pressupõe uma afirmação, há o enunciador 1 que diz que o dia está frio, o qual o locutor rejeita.

3.3.5 A polifonia na TBS

Sendo a ANL uma teoria que ainda sofre modificações metodológicas, Ducrot não estudou definitivamente a polifonia na TBS. O que foi apresentado por ele e Carel até agora é que, na Teoria dos Blocos Semânticos, a polifonia é realizada através de encadeamentos.

Sempre mantendo seu objetivo inicial de provar que a argumentação está na própria língua, a ANL estuda a polifonia através de encadeamentos porque eles permitem compreender o que a linguagem, e estritamente ela, diz. Ocorria antes que, como não havia uma regra que limitasse o levantamento de enunciadores, muitos deles eram identificados, havendo a possibilidade de não se ser fiel ao que diz a linguagem e corria-se, assim, o risco de fazer interpretações errôneas. Com a polifonia através de encadeamentos, não há mais esse risco eminente.

Em seguida, um exemplo de análise com a polifonia feita com encadeamentos:

(5) Se eu ganhar na loteria, viajo ao redor do mundo.

E1: ganhar na loteria DC viajar ao redor do mundo.

E2: não ganhar na loteria DC não viajar ao redor do mundo.

3.4 O MAS PELA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

O articulador *mas* já foi estudado por Oswald Ducrot em diversas situações, e uma das mais significativas para a teoria está na obra *Polifonía y Argumentación* (Cali, 1988).

Nesta obra, Ducrot apresenta as instruções de *mas*, em outras palavras, a generalização do uso de *mas*. Iniciemos explicando porque Ducrot chama o *mas* de articulador, e não de conector ou conjunção, como diversas outras teorias. Já sabemos que um conector liga dois segmentos de um enunciado, como no esquema [X conector Y], que pode ser exemplificado por [rico DC feliz]. O que ocorre é que, no caso de *mas*, teremos um elemento ligando dois enunciados, por isso um “articulador”. Sendo assim, o esquema será [X conector Y articulador [X’ conector’ Y’], como no exemplo [faz bom tempo] [mas] [me doem os pés].

Estudemos as instruções de *mas* dadas por Ducrot (1988), e para isso ainda utilizando o exemplo *faz bom tempo mas me doem os pés*. Pois, bem, as instruções dirão o seguinte: construa quatro enunciadores, sendo que E1 contém o ponto de vista X, E2 tira uma conclusão r a partir de X, E3 contém o ponto de vista Y e E4, a partir de Y, conclui que não r. Quanto às posições do locutor L em relação aos enunciadores, ocorre que L rejeita E2, se identifica com E4 (conclui que não r), e, quanto aos enunciadores E1 e E3 sabe-se que L não os rejeita, e dependendo do caso pode concordar ou identificar-se com eles.

Aplicando essas instruções ao exemplo acima, encontraremos o seguinte: E1: faz bom tempo; E2: vamos passear; E3: me doem os pés; E4: não vamos passear. Formalizando teremos [faz bom tempo DC vamos passear] [mas] [me doem os pés DC não vamos passear].

Fica claro nessa formalização que temos dois enunciados ligados pelo articulador *mas*, e que em cada um há uma conclusão diferente (*vamos passear* e *não vamos passear*). Sendo assim, o locutor concorda que faz bom tempo (E1), rejeita o passeio (E2), mesmo concordando que o tempo esteja propício para tal, e se identifica com os enunciadores que

aparecem depois do articulador (E3 e E4), assumindo que lhe doem os pés, por isso não vamos passear.

Além das instruções do *mas* apresentadas na obra publicada em Cali, Ducrot tem estudos em parceria com Carlos Vogt sobre o articulador. Vogt e Ducrot (1980) explicam que *mas* deriva do advérbio latino *magis*, e não do adversativo *sed*. *Magis* era utilizado para formar o comparativo de superioridade e, em algum momento, teve o duplo valor de *mas* e *mais*. Os estudos de Vogt e Ducrot (1980) concentram-se em classificar o *mas* sob duas categorias: o *mas* PA e o *mas* SN. Vejamos.

O *mas* PA (espanhol *perol* alemão *aber*) é chamado pelos autores de “democrático”, pois no primeiro segmento há uma afirmação, ou seja, o locutor concorda parcialmente. Ele não exige necessariamente que a proposição precedente seja negativa, mas ela também pode ser. Sua função é introduzir uma proposição *p* que orienta para uma conclusão não-*r* oposta a uma conclusão *r* para a qual *p* poderia conduzir. Um exemplo:

(6) Rafael é inteligente, mas não é bom aluno.

Em (6), no suporte, o locutor concorda que Rafael é inteligente, entretanto crê que, mesmo assim, não é um bom aluno.

Já no *mas* SN (espanhol *sino*/ alemão *sondern*), ocorrerá uma retificação, já que no suporte haverá uma negação. Por isso ele é chamado “polêmico”. Ele vem sempre depois de uma proposição negativa $p = \text{não } p'$ e introduz uma determinação *q* que substitui a determinação *p'* negada em *p* e atribuída a um interlocutor real ou virtual. Há, assim, uma discordância total do locutor. Vejamos a seguir:

(7) Rafael não é inteligente, é esperto.

No caso (7) o locutor discorda totalmente de que Rafael seja inteligente e retifica-se, dizendo que o que ele é de fato é esperto.

4 O DISCURSO ORAL E O DISCURSO ESCRITO

Considerando que o *corpus* de análise desta pesquisa é o discurso oral, nos parece necessário compreendermos algumas características desse tipo de discurso. E para chegarmos a uma caracterização do discurso oral, torna-se necessário fazer um paralelo entre discurso oral e discurso escrito.

Iniciaremos a discussão sobre as características dos discursos oral e escrito através de uma tabela elaborada por Koch (2007, p. 78):

Fala	Escrita
Contextualizada	Descontextualizadas
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não-planejada	Planejada
Predominância do “ <i>modus</i> pragmático”	Predominância do “ <i>modus</i> sintático”
Fragmentada	Não-fragmentada
Incompleta	Completa
Pouco elaborada	Elaborada
Pouca densidade informacional	Densidade informacional
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	Predominância de frases complexas, com subordinação abundante

Pequena frequência de passivas	Emprego freqüente de passivas
Poucas nominalizações	Abundância de nominalizações
Menor densidade lexical	Maior densidade lexical

De certo modo, a tabela acima apresenta elementos que caracterizam discursos orais e escritos. O que ocorre, no entanto, é que:

- a) Como enfatiza Koch (2007), por diversas vezes, dependendo da situação em que ocorre a comunicação, a escrita pode ser tão informal que se aproxima da fala, e a fala pode ser tão formal que se aproxima da escrita.
- b) Essas características foram estabelecidas tendo-se em vista o discurso escrito como referência, o que levou a uma visão preconceituosa da fala, caracterizando-a como descontínua, pouco organizada, rudimentar, sem planejamento. Sabemos, no entanto, que os fatos não são esses.
- c) Além disso, durante a realização do texto falado, o autor não é o único responsável pela produção, mas também a presença do interlocutor é fundamental para a construção do discurso, já que, de uma forma ou de outra, o interlocutor influenciará o autor da produção oral, que buscará adaptar seu texto de acordo com o público a quem é endereçado. Essas adaptações dizem respeito ao grau de formalidade, tipo de vocabulário utilizado, formas de tratamento etc.

O discurso oral ou a interação face a face tem por características o planejamento durante a própria fala, a presença de discontinuidades, de falsos começos, anacolutos, orações truncadas e uma sintaxe própria da língua oral, mesmo que de acordo com a sintaxe da língua. São características do discurso oral, segundo Koch (2007):

- O discurso oral não é planejável de antemão por causa de sua natureza interacional. Ele necessita ser localmente planejado, ou seja, é planejado e replanejado a cada novo “lance” no jogo da linguagem.
- O discurso oral apresenta-se “em fazendo”, ou seja, ele é seu próprio rascunho. Como o planejamento e a verbalização ocorrem simultaneamente, ou quase simultaneamente, as correções, retificações, revisões ocorrem durante a produção do discurso.
- O fluxo do discurso apresenta descontinuidades, que debateremos nesse capítulo posteriormente, que podem ocorrer por diversos fatores, e que tem, portanto, justificativas relevantes.
- O discurso oral tem uma sintaxe característica, não deixando de ter como base a sintaxe geral da língua.
- A escrita é resultado de um processo, portanto é estática, enquanto que a fala é um processo, portanto é dinâmica.

É muito importante enfatizar que, como mostram as características citadas acima, o discurso oral não é caótico, rudimentar ou desestruturado. Ao contrário, ele é organizado, de sua própria maneira.

A fim de caracterizar o discurso oral também é necessário levar em consideração algumas estratégias cognitivo-conversacionais. São elas:

- Se perceber que o parceiro já compreendeu o que você pretendia lhe comunicar, a continuação de sua fala, na maioria das situações, se torna desnecessária;

- Logo que perceber que o ouvinte não o está entendendo, suspenda o fluxo da informação, repita, mude o planejamento ou introduza uma explicação;
- Ao perceber que formulou algo de forma inadequada, interrompa-se imediatamente e corrija-se na seqüência.
- Ao se dar conta que disse algo que é ou poderia ser ofensivo a seu interlocutor ou que foi exageradamente categórico no que disse, proceda imediatamente um reparo, acrescentando expressões atenuadoras ou modalizadoras.

Levando em consideração essas características do discurso oral, sabemos, portanto, que não podemos ignorar as condições de produção em que ocorrem os discursos orais e escritos.

Por isso, para concluir, parece-nos mais apropriado o esquema que propõem Fávero, Andrade e Aquino (2007) por compilar os elementos característicos dos dois discursos considerando não apenas o que os constitui quando discursos prontos, mas o que ocorre durante sua formulação:

Fala	Escrita
Interação face a face	Interação à distância (espaço-temporal)
Planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção	Planejamento anterior à produção
Criação coletiva: administrada passo a passo	Criação individual
Impossibilidade de apagamento	Possibilidade de revisão
Sem condições de consulta a outros textos	Livre consulta

A reformulação pode ser promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor	A reformulação é promovida apenas pelo escritor
Acesso imediato às reações do interlocutor	Sem possibilidade de acesso imediato
O falante pode acessar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor	O escritor pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor
O texto mostra todo o seu processo de criação	O texto tende a esconder o seu processo de criação, mostrando apenas o resultado

Sobre as freqüentes descontinuidades presentes no discurso oral, discutiremos as seguintes, que nos parecem mais relevantes, segundo Koch (2007):

- Inserção
- Reformulação
- Hesitação
- Repetições

Iniciemos, portanto, pelas inserções. As inserções têm a função de facilitar a compreensão do interlocutor. Para esse fim, o locutor suspende temporariamente o tópico em andamento para inserir algum tipo de material lingüístico com diversos intuitos, que podem ser:

- Introduzir explicações: “... então nós tínhamos por um lado naquela época muitas crianças com problemas... e havia uma necessidade... de se adaptar essas crianças... e adaptá-las à escola comum né? *Porque... quanto mais uma criança possa (se) adaptar a uma escola comum... melhor... não há necessidade de formação... especial:: para ser educador:: e nada disso né?..* e por outro lado uma necessidade de desenvolvimento da indústria”. (EF.377 – NURC/SP: 144 – 149)
- Fazer alusão a um conhecimento prévio, que, freqüentemente, constitui um pré-requisito para o pleno entendimento do assunto: “... e a indústria o que precisa? maior produção... maior rendimento... né? ... o indivíduo certo para a tarefa certa... – *não sei se alguém aqui já ouviu falar no Taylor... né? ...* – então em () em termos de traBAIho nós temos os testes de Taylor... né? que ele::... se propôs::... a ... ahn... racionalizar o trabalho... *a colocar indivíduos... adequados... em determinadas tarefas... para que houvesse uma maior produção...* e na escola nós temos os testes... de Binet... e de Simon e depois adaptados por (STANford) ... pra:: pegar essas crianças... né? ... que não conseguiam acompanhar o ritmo normal da esCOla... e::... verificar AONde estava esse erro aonde estava essa dificuldade.” (id. ibid.: 149 – 162)
- Apresentar ilustrações ou exemplificações: “... as cooperativas também são... entidades... realmente bastante significativas... dentro de uma conjuntura... ou dentro da conjuntura...nacional por exemplo para citar especificamente o caso... do nosso país... *sabemos por exemplo que países altamente evoluídos... como é o caso por exemplo da Suécia... que é um país que pratica na opinião de alguns... um socialismo considerado como democrático... tem nas cooperativas uma espécie de suporte ou de tripé... para o seu*

desenvolvimento... as cooperativas além do mais são fatores... de agregação...”.

(DID. 131 – NURC/REC.:103 – 113)

- Introduzir comentários metaformativos: “.. por exemplo... no setor odontológico... sabemos... que... existe uma demanda... uma demanda... muito grande... atualmente... das pessoas... em relação... aos... respectivos sindicatos... porque... a assistência odontológica... implica evidentemente ... em custos... demasiadamente elevados... para o... o público ou para a coletividade... *ou a grande massa como nós... chamamos habitualmente...*”. (id. *ibid.*:20 – 27)
- A formulação de questões retóricas: “... *que seria então... éh:: uma nota bruta... num teste?* seria aquela nota total... de erros... e acertos então cada indivíduo... realiza o seu teste e:: obtém uma nota... que é o total de erros... e acertos... MAS... essa nota simplesmente... não diz muita coisa... então nós precisamos ter... éh um Nível de significância... *é significativo esse número de acerto (esse número) de erros?*... é significativo em termos estatísticos... em termos Quantitativos... né? então::... *o que nós fazemos? nós compararmos::*... esses resultados... com padrões... determinados...”. (EF.377 – NURC/SP: 179 – 190)
- Introdução de comentários jocosos: “aqui nós só vamos... fazer uma leitura em nível pré-iconográfico nós vamos reconhecer as formas... então que tipo de formas nós vamos reconhecer?... nós vamos reconhecer bisontes... ((vozes))... bisonte é o bisavô do touro... tem o touro o búfalo e o bisonte MAIS lá em cima ainda... nós vamos reconhecer ahn:: cavalos...nós vamos reconhecer veados... – sem qualquer (nível) conotativo aí - ... e algumas vezes MUIto”. (EF.405 – NURC/SP: 131 – 139)

- Servir de suporte para a argumentação em curso: “... então às vezes uma coisa que:: uma PORcaria duma peça... um espetáculo que é um Lixo:: da Broadway... de qualquer outra parte do mundo...apresentado aqui todo mundo gosta todo mundo diz que é bacana que faz sucesso... *você pode ver... primeira coisa... uma:: loja de::...uma:: firma de confecções masculinas e femininas... quando LANça um produto novo ou qualquer coisa qualquer produto... é lançado no mercado a propaganda diz o quê?... ‘trouxemos dos Estados Unidos e da Europa...’ ‘as mulheres francesas usam’ ‘Lux... o sabonete usado por nove entre dez estrelas do cinema’... aí todo mundo usa porque todo mundo quer ser estrela de cinema... e todo mundo usa porque o:: francês usa porque o americano usa... então éh principalmente o americano usa né? ((riu))...”. (DID.161 – NURC/SP: 306 – 321)*
- Expressar a atitude do locutor perante o dito, introduzindo, por exemplo, atenuações, avaliações, ressalvas: “... então todo artista deve sabe::r:: ah:: o conteúdo da peça o que vai acontecê/ e conhecer bem a peça... e... com seu talento... *não estou quere::ndo com:: isso dizer que sou um grande artista porque quando eu fui artista longe disso... fui o pior possível... mas acho que o camarada deve:: eh:: valorizar... o espetáculo que está do qual ele está participando...*”. (id. ibid.: 351 – 357)

Já sobre a reformulação, temos a reformulação retórica e a saneadora. A reformulação retórica refere-se basicamente a repetições e parafraseamentos com o objetivo principal de reforçar a argumentação. A reformulação retórica é caracterizada principalmente por seu aspecto interacional.

- “... eu acho que o meu conceito de morar bem é diferente um pouco da maioria das pessoas que eu conheço... a maioria das pessoas pensa que morar bem é morar num apartamento de luxo... é morar no centro da cidade... perto de tudo... nos locais onde tem assim mais facilidade até de comunicação ou de solidão como vocês quiserem meu conceito de morar bem é diferente... eu acho que morar bem é morar fora da cidade... é morar onde você respire... onde você acorde de manhã como eu acordo e veja passarinho à vontade no quintal é ter um quintal... é ter árvores... é morar perto do mar... eu não entendo se morar longe do mar.” (D2.05 – NURC/REC.:1012 – 1023)
- “...sabemos por exemplo... que o sindicato... dos comerciários para falar de um assunto que nos toca... pati particularmente... possui uma granja na cidade de Carpina... e que proporciona... àquela imensa... leva... de associados... um lazer realmente magnífico de:... descanso... um momento de felicidade podemos dizer assim... a todos aqueles... que vão... até lá em busca de paz de sossego e de tranqüilidade... sabemos também... que...”. (DID.131 – NURC/REC.:39 – 47)

A reformulação também pode ser a desaceleração da fala a fim de dar ao locutor maior tempo para processar o que está sendo dito:

- “... é difícil você realmente ter... a:: medida REal do indivíduo a capacidade ou (realização)... REal do indivíduo... porque::... o indivíduo pode estar:: (ah com problemas)... né?... *pode* estar doe:::te pode estar (impressiona::do)... pode não se sentir BEM::... com o material do tes::te... pode não conhecer certas questões por um motivo qualquer ele simplesmente nunca viu aqui::lo... certo? OU o teste pode estar... ahn:: falso ah::... dirigido *mais para certos tipos de*

conhecimento de que ele não tem:... né?... e:: então a pa/o próprio limite do instruMENto que é o teste... e o limite das condições do indivíduo que são diFÍceis de se controlar... éh:... não possibilitam que a gente acredite assim CEM por cento nos testes... percebem?... não dá para a gente acreditar cem por cento... a gente tem uma meDIDA... (recebe lá) uma medida certo?...”.
(EF.377 – NURC/SP:34 – 50)

A reformulação saneadora ocorre sob a forma de correção ou reparo, já que o locutor identifica uma necessidade de solucionar uma dificuldade detectada em seu discurso.

Vejamos:

- “... as cooperativas além do mais são fatores... de agregação... porque: são entidades... que procura:... éh:... atrair os indivíduos... e além do mais... fazer ver a esses indivíduos... a necessidade... da união: a necessidade... *de uma: de mais um sentido* de homogeneidade... porque é através exatamente... desse fator... de união: e de integração... que os indivíduos se AJUSTAM... ou que os indivíduos *pro éh procuram... levar... a cabo... levar adiante... suas: melhores... ou suas: mais justas... reivindicações...*” (DID.131 – NURC/REC.:112 – 120)

A hesitação, segundo Koch (2007), por sua vez, é parte da construção do discurso. Como mencionado anteriormente, o discurso oral não tem “rascunho”, a produção é simultânea, ou quase simultânea, ao planejamento. A hesitação, devido a esse fato, é vista como uma estratégia de processamento. Ela é constitutiva do próprio planejamento do discurso.

Uma das principais características da hesitação é a desaceleração da fala. Ela se difere de outras estratégias que desaceleram a fala, pois, ao passo que essas estratégias como as inserções e as reformulações são consideradas cognitivamente controladas pelo locutor, a hesitação parece não ser, ou ser apenas parcialmente, mesmo que às vezes ela seja “encenada” pelo locutor, que deseja demonstrar que está pensando no que está dizendo ou posicionar-se como intelectual através das hesitações em seu discurso.

As hesitações se caracterizam por pausas, alongamento de vogais, consoantes, sílabas iniciais ou finais, repetição de palavras etc e servem para ganhar maior tempo de planejamento do discurso.

As repetições, por sua vez, apresentam outras funções. Elas também são estratégias de produção do discurso como as hesitações, no entanto, são uma manifestação diferente. As repetições podem ser confundidas por um leigo com redundâncias ou más formulações. Elas são, na verdade, intencionais no discurso oral e desempenha funções específicas. As repetições são muito comuns no discurso oral, que está repleto de construções paralelas, quase sinônimos, repetições da fala do outro etc.

Também é necessário lembrarmos-nos que a repetição é uma forma de aprendizagem. Cognitivamente falando, necessitamos repetir para processar um determinado conhecimento. Outra observação importante é que a repetição é uma interação entre discursos. O discurso de cada um é o eco de outros, por isso, ao emitirmos um enunciado, estamos evocando discursos de outros. Isso, já vimos, é uma das partes mais importantes da teoria de Ducrot e chama-se polifonia.

5 METODOLOGIA

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa é de caráter qualitativo. Os dados para análise são discursos orais, de tipo entrevista, retirados do projeto VARSUL. A análise dos dados será feita tendo por base a fase atual da teoria da Argumentação na Língua de Oswald Ducrot e Marion Carel, a Teoria dos Blocos Semânticos.

5.2 *CORPUS*

Para compor o *corpus* desta pesquisa, foram selecionados 10 (dez) trechos de discursos orais, de tipo entrevista, do projeto VARSUL da PUCRS. Os discursos foram selecionados buscando-se *mas* com diferentes funções e sentidos e contém 13 (treze) ocorrências do articulador.

5.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Dos discursos orais selecionados do projeto VARSUL serão analisadas as ocorrências do articulador *mas* à luz da Semântica Argumentativa.

6 ANÁLISES

6.1 DISCURSO 01

58-66 (ANEXO A)

Essa primeira entrevista foi realizada com uma senhora de origem alemã, nascida e residente no Rio Grande do Sul. Neste trecho do diálogo entre o entrevistador e a informante, o entrevistador questiona sobre a língua que é falada pela informante com seus familiares, já que ela menciona que é conhecedora também da língua alemã. Vejamos o diálogo:

Entrevistador: Tu fala, vocês falam, teu marido fala alemão também?

Informante: Fala.

Entrevistador: Vocês falam com os filhos?

Informante: Nós falamos com os filhos, mas, e eles também entendem alemão, mas eles pra falar fica um pouquinho mais difícil pra eles, eles entendem bem, né? Mas não falam muito, falam um pouco também, né? Mas não muito.

Neste trecho do diálogo, portanto, a informante explica para o entrevistador como é sua convivência com os filhos em relação à língua falada em sua casa. Ela explica que ela e o marido falam com os filhos em alemão e que eles entendem o idioma, mas não falam muito. O entrevistador inicia por perguntar se ela fala alemão e se o marido também fala. O uso de *também* por parte do entrevistador está relacionado ao idioma, não ao marido. Isso porque compreendemos que se o marido fala também alemão, significa que ele fala pelo menos outra língua. Assim:

E1: marido também fala alemão DC ela fala outra língua

Para responder à pergunta do entrevistador, ela utiliza a terceira pessoa do singular *fala*, o que nos leva a compreender que ela respondeu somente a pergunta sobre o marido. Por isso o seguinte encadeamento:

marido fala alemão DC nós falamos alemão

Logo em seguida, o entrevistador pergunta sobre os filhos. Ele pergunta se o casal fala com os filhos. Pelo contexto lingüístico percebemos que a pergunta é se eles falam *alemão* com os filhos, e não se eles falam com os filhos de maneira geral, o que nos remete à noção de relação apresentada por Ducrot e colaboradores. Não fosse a relação entre palavras, enunciados e discursos, desconectando-se esse enunciado dos outros, se poderia entender que o entrevistador quer saber se o casal fala com os filhos de maneira geral. É a relação dele com os demais enunciados do diálogo que se percebe que se fala sobre a língua alemã. Assim, o contexto lingüístico desfaz um mal-entendido que poderia ocorrer caso se analisasse o enunciado isolado.

Em sua resposta para essa pergunta, a informante diz que sim, eles falam com os filhos em alemão e que eles entendem bem, mas falam pouco. Por isso o seguinte encadeamento:

entendem PT não falam muito

Nesse trecho do diálogo estão os *mas*, objeto de análise deste estudo. São utilizados pela informante 4 (quatro) *mas*, e nós os enumeraremos assim, para facilitar a referência a eles:

- Nós falamos com os filhos, mas1, e eles também entendem o alemão.
- Eles também entendem o alemão, mas2 pra falar fica um pouquinho difícil.

- Eles entendem bem, né? Mas3 não falam muito.
- Falam um pouco também, né? Mas4 não muito.

No *mas1*, temos uma ocorrência bastante interessante, já que a informante não dá o encadeamento subsequente ao *mas* imediatamente devido a uma inserção que realiza.. Esse acontecimento é típico da linguagem oral, que, como vimos anteriormente, é caracterizada por interrupções ou não continuações, como essa. Percebemos, assim, que o discurso é interrompido no *mas* e continuado posteriormente. Assim, o *mas2* é o *mas1*, interrompido por uma inserção.

Passemos então para o *mas2*. Aqui teremos o seguinte:

eles entendem alemão **MAS** pra falar fica difícil

Deparamo-nos aqui com uma situação bastante interessante. Isso porque aqui se apresenta um *mas* conector, não articulador. Percebemos esse fato porque é impossível desenvolver um encadeamento segundo as instruções que nos apresentam Vogt e Ducrot (1980).

Esse enunciado é equivalente ao segundo enunciado articulado pelo *mas*. Assim, o *mas* equivale aqui a um PT. Podemos perceber isso porque não há a possibilidade de se extrair sentido de um segmento em relação ao outro. Não se pode afirmar que o locutor faça uma relação entre entender e falar uma língua porque isso não está dito claramente. O que temos é apenas um comentário de que os filhos entendem, no entanto não falam. Essa situação foi prevista por Ducrot, no entanto não há estudos do autor que expliquem como diferenciar um *mas* articulador de um conector.

No *mas3* temos, além da mesma formalização que temos no *mas2*, *entende PT não fala*, um sentido construído pelas palavras *bem* e *muito*. Temos, portanto, o seguinte:

eles entendem bem **MAS** não falam muito

Aqui, novamente um *mas* conector, pelas mesmas razões apresentadas acima. Os termos *bem* e *muito* são muito importantes para a construção do sentido desse enunciado porque enfatizam a oposição entre os segmentos antes e após o *mas*. A presença da negativa *não* junto a *muito* atenua a força argumentativa de *muito*, o que se comprova no próximo enunciado, que contém o *mas*⁴.

No *mas*⁴ temos o enunciado *falam um pouco também, né? Mas não muito*. A expressão *um pouco* é positiva, *um pouco* significa *algo*, ao contrário de *pouco*, que significa *quase nada*. No momento em que temos um *não* acompanhando o *muito*, temos uma negativa atenuando a argumentação de *muito*, o que é um fato curioso, pois negativas normalmente invertem a argumentação, e não apenas atenuam. Esse *muito* atenuado pela negativa que imediatamente o antecede acaba por reforçar o *um pouco*. Por isso, o encadeamento construído será com DC, não com PT. Ficará assim:

fala um pouco DC não muito

Não poderíamos ter um PT nesse encadeamento porque *um pouco* e *não muito* não se opõem, mas tem a mesma argumentação. Também é interessante observarmos que o “não” tem função de modificador. Em “não muito”, o “não” atenua o “muito”, o “não muito” atenua “fala”, que está diretamente ligado ao “um pouco”.

6.2 DISCURSO 02

099-107 (ANEXO B)

Posteriormente, no mesmo diálogo entre o entrevistador e a informante de origem alemã, o assunto do idioma volta à tona. Dessa vez, o entrevistador questiona sobre a língua com a qual ela conversa com seus pais. Temos o seguinte diálogo:

Entrevistador: Os teus pais são vivos ainda?

Informante: São.

Entrevistador: Moram aqui na cidade?

Informante: Moram.

Entrevistador: E quando vocês vão na casa deles, como é que é? É em alemão ou em português o assunto?

Informante: É, eles são bem alemães, né? A mãe sempre disse que não entende português, mas com as crianças ela fala o português, né? (risos)

O diálogo inicia com o entrevistador investigando sobre os pais da informante, se eles estão vivos ou não. A pergunta pode ser formalizada da seguinte maneira:

não sei se estão vivos DC desejo saber

A mesma formalização cabe para a pergunta seguinte do entrevistador, que questiona sobre o local onde moram os pais da entrevistada.

não sei se moram aqui na cidade DC desejo saber

Tendo obtido as respostas de que estão vivos e moram na cidade, o entrevistador questiona sobre o idioma que a informante utiliza com seus pais, e pergunta se é em alemão ou português, o assunto. A resposta imediata da informante é *é, eles são bem alemães, né?*, o que podemos formalizar assim:

eles são bem alemães DC o assunto é em alemão

Em seguida a informante relata como é o uso dos idiomas por parte de sua mãe, e explica que a mãe diz que não entende português, mas fala com as crianças em português. Formamos o seguinte encadeamento:

ela diz que não entende português **MAS** fala português com as crianças (ponto de vista da mãe)

ela diz que não entende DC não fala **MAS** diz que não entende PT fala (ponto de vista da informante)

Encontramos aqui os aspectos conversos do mesmo bloco, pela formação A DC B **MAS** A PT neg B.

6.3 DISCURSO 03

252-257 (ANEXO C)

Neste trecho da entrevista, a informante fala sobre sua irmã que está morando na Alemanha. O entrevistador questiona sobre seu trabalho. Vejamos esta parte do diálogo:

Entrevistador: O que ela faz lá? Ela trabalha?

Informante: Ela trabalhou em escritório, mas agora ela parou de novo. Parece que fechou o escritório que ela trabalhava, então agora ela não está trabalhando no momento, né? Ela cuida da casa, né?

O diálogo inicia novamente com questionamentos do entrevistador, que desta vez pergunta sobre o que faz a irmã da informante que vive na Alemanha. A partir da pergunta *ela trabalha?*, a informante explica que ela trabalhou em escritório, no entanto não continua. Podemos encadear assim:

ela trabalhou em escritório **MAS** agora ela parou de novo

Temos, novamente, um *mas* conector, que vale, portanto, por um PT. Nessa situação também temos o verbo na terceira pessoa do singular no passado, o que já nos indica por si só que ela não mais trabalha, portanto:

ela trabalhou antes DC não trabalha mais agora

Também temos a expressão *de novo* quando a informante diz que a irmã parou de trabalhar de novo.

Essa expressão é polifônica, já que indica que, se ela parou de novo, é porque já havia parado antes. Temos assim, um enunciador que diz:

E1: já havia parado antes PT parou agora

Logo em seguida a informante relata que a razão de a irmã não continuar trabalhando no escritório é o fechamento dele. Temos, então:

trabalhou no escritório DC continuou **MAS** o escritório fechou DC não continuou

Assim, ela relata o fato adverso que provocou a parada da irmã, que pode ser colocado no encadeamento:

neg escritório DC neg trabalho

Este aspecto *neg A DC neg B* é recíproco de *A DC B*, que seria representação de escritório DC trabalho. É interessante observarmos que o locutor justifica a parada da irmã. Isso faz com que seu discurso não seja uma crítica, já que críticas são caracterizadas pela não presença de justificativa, mas apenas pelo relato de um ponto de vista.

Temos, ainda, o relato de que ela não está trabalhando *no momento*, que é uma expressão polifônica. Assim, teremos:

ela não está trabalhando no momento DC já esteve trabalhando antes

ela não está trabalhando no momento DC poderá estar trabalhando no futuro

Em seguida a informante ainda relata que a irmã está agora cuidando da casa, então:

ela não está trabalhando no momento DC está cuidando da casa

6.4 DISCURSO 04

338-345 (ANEXO D)

Ainda conversando sobre a irmã da informante, o entrevistador questiona agora como fazem para manter contato, já que uma está na Alemanha e outra no Brasil. Parece-nos importante enfatizar que a entrevista ocorreu no ano de 1992, portanto os meios de comunicação ainda não eram tão desenvolvidos como são atualmente e nem eram comuns *e-mails* e *instant messengers*. Segue o diálogo:

Entrevistador: Ela escreve a tua irmã? Manda notícias? E telefona também?

Informante: Escreve bastante. Ah! Ela telefona às vezes. Às vezes é no Natal ou na Páscoa, né? E, mas agora a gente não tem telefonado mais muito, que está bastante caro hoje telefonar, é. Então a gente escreve mais, né?

Então, iniciamos novamente com perguntas do entrevistador, que desta vez, se interessa pela comunicação entre as duas irmãs. Como antes, as perguntas do entrevistador podem ser formalizadas por:

não sei DC desejo saber

A informante inicia sua resposta relatando que a irmã escreve bastante e que às vezes telefona. Podemos ter o seguinte:

ela escreve bastante PT às vezes telefona

Logo em seguida, ela se preocupa em explicar o que significa o *às vezes* que acabou de empregar e diz que é no Natal ou na Páscoa. Trata-se de uma metalinguagem e também de uma reformulação, característica típica do discurso oral. Então:

às vezes DC Natal ou Páscoa

Ela também afirma que não tem telefonado mais muito. Temos a presença de uma expressão polifônica que é o *mais muito* empregado pela informante. Há aí um enunciador que diz:

E1: antes a gente telefonava muito PT agora a gente não tem telefonado mais muito

Em seguida ela explica a razão por que elas não têm telefonado mais muito. Ela diz que o telefone está muito caro, então:

está bastante caro telefonar DC não telefonamos mais muito

Logo em seguida ela explica que escreve mais, portanto temos:

agora é caro telefonar DC escrevemos mais

escrever DC mais barato

O *mas* está articulando os enunciados *ela telefona às vezes, às vezes é no Natal ou na Páscoa e agora a gente não tem telefonado mais muito*. Teremos o seguinte, então:

a gente tem telefonado pouco PT telefonamos no Natal e na Páscoa

6.5 DISCURSO 05

467-470 (ANEXO E)

Neste ponto da entrevista, o entrevistador questiona a informante sobre uma plantação de milho que observou perto de sua casa. Vejamos o diálogo:

Entrevistador: Essa plantação de milho aqui na frente é de vocês?

Informante: Não, essa é da vizinha.

Entrevistador: Mas sai milho verde aí?

Informante: Sai. (risos)

Temos então uma pergunta do entrevistador que deseja saber se a plantação é da informante. Ele obtém uma resposta negativa e então se espanta com o fato de crescer milho ali. Assim, ele pergunta: *mas sai milho verde aí?*, e então ele obtém uma resposta afirmativa e risos.

Esse *mas* utilizado pelo entrevistador é um caso diferente dos analisados anteriormente porque seu antecedente não está explícito, não está presente no discurso. Por algum motivo, não dito explicitamente, não deveria crescer milho naquela terra, mas cresce. Os risos da informante ao dar uma resposta afirmativa reafirmam que parece que não cresce milho, mas cresce.

Temos o seguinte, então:

não deveria crescer milho DC não cresce **MAS** não deveria crescer milho PT cresce

Observemos que, na verdade, como não está explícita a razão por que não deveria crescer milho ali, o encadeamento não fica completo porque temos o seguinte:

(razão para que o milho não cresça?) MAS cresce

O que temos, na realidade, é um ponto de interrogação no lugar do primeiro encadeamento, já que não está no discurso a razão por que o milho não deveria crescer ali. Esse ponto de interrogação poderia ser substituído por enunciados como *a terra está muito seca*, ou *o terreno está mal cuidado*, mas como não está no discurso não podemos afirmar essa razão.

6.6 DISCURSO 06

200-210 (ANEXO F)

Aqui temos um relato de uma informante que era proibida de trabalhar fora pelo pai, que defendia que lugar de uma moça de família era em sua casa. Vejamos como é o relato:

Informante: ... nós não trabalhava fora, meu pai não deixava. Às vezes tinham pessoas que pediam pra nós trabalhar nas lojas, já começava naquela época, né? Sabe? As moças trabalhar fora, porque mulher – Então meu pai dizia assim: “o lugar de uma boa moça é na casa dela”. (risos) Meu pai dizia pra nós, né? Ele dizia em italiano, mas dizia: “o lugar de uma boa moça é no lugar dela, na casa dela”.

A informante inicia explicando a razão porque não trabalhava fora, no caso, a proibição do pai. Portanto, temos:

meu pai não deixava DC eu não trabalhava fora

Em seguida ela explica que havia convites para trabalhar fora, mas o pai não dava permissão para ANL. Então:

peessoas pediam para nós trabalharmos nas lojas PT meu pai não deixava

Há, logo em seguida, um enunciado não concluído, característica muito comum no discurso oral, que é *as moças trabalhar fora, porque mulher*, o que não nos permite construir um encadeamento, já que encadeamentos são a formalização do sentido do enunciado, e aqui, claramente, não há sentido porque o enunciado não foi completado pelo locutor.

Em seguida há o relato do que o pai dizia, em discurso direto. O que o pai dizia é que o lugar de uma boa moça é na casa dela, portanto:

boa moça DC fica em sua casa

Esse é também o bloco semântico do pai, cujo aspecto recíproco seria:

boa moça PT neg fica em sua casa

Posteriormente a informante diz que o pai dizia em italiano, mas dizia que lugar de boa moça é no seu lugar, na sua casa. Então temos o seguinte:

dizia em italiano **MAS** dizia

dizia em italiano DC nem todos compreendiam **MAS** dizia em italiano PT dizia

A partir da construção dos encadeamentos gerados pelo enunciado que contém o *mas*, podemos perceber que o que importava não era a língua, mas o fato de dizer. Não era o modo como ele expressava, mas o quê ele expressava.

6.7 DISCURSO 07

390-392 (ANEXO G)

Nessa parte da entrevista, a informante fala de seu pai novamente e fala dos horários que o pai a obrigava a cumprir pontualmente. Ela enfatiza o quão enérgico ele era. Vejamos como ela faz essa afirmação:

Informante: Ele era muito assim, muito, muito, meu pai muito sério nesse ponto, sabe? Ele não era ruim, mas ele era assim muito enérgico, muito enérgico mesmo.

Primeiro é interessante verificarmos que pela primeira vez nos aparece um *mas* SN, ou seja, um *mas* retificador. É importante registrar que de todas as entrevistas pesquisadas para localizar os tipos de *mas*, apenas uma continha um *mas* retificador, este agora em análise, já que a absoluta maioria de *mas* é PA, aquele que inverte a argumentação do primeiro segmento.

Tendo registrado isso, vamos para a análise em si.

Na afirmação feita pela informante, ela enfatiza quanto enérgico era seu pai. No entanto, ela se preocupa em dizer que ele não era ruim, era enérgico. Quando ela diz que ele era *muito sério nesse ponto*, ela se preocupa que seu interlocutor não entenda seu pai como uma pessoa ruim.

É interessante observar que, na maioria dos casos de retificação, há dois locutores. Vejamos um exemplo. Se eu disser que o dia está frio e um colega de trabalho discordar de mim e me disser que o dia não está frio, mas ventoso, teremos dois locutores. Um que diz que o dia está frio, e outro que retifica dizendo que o dia não está frio, mas ventoso.

Na situação em análise é bastante curioso observarmos que há apenas um locutor, ou seja, ela retifica a ela mesma. Ela diz que ele não é sério, mas enérgico. O locutor faz isso porque supõe que seu interlocutor possa pensar que esse sério signifique ruim, e por isso já quer evitar qualquer mal-entendido dizendo que ele não é sério, ou ruim, mas muito enérgico.

É interessante observarmos também que se ela diz que o pai não é ruim, é porque ele poderia ser. Há, então, novamente, a polifonia. Vejamos o enunciador que nos permite tirar essa conclusão, a partir da negação:

E1: ele não é ruim PT poderia ser

Também é preciso observarmos a presença de diversos *muito* no discurso. Em um primeiro momento, quando o locutor repete por diversas vezes *ele era muito, muito, muito sério*, ele parece estar pensando e escolhendo que termo utilizar. É uma marca típica do discurso oral, já que, como vimos anteriormente, no discurso oral não há “rascunho”, e a produção é quase que simultânea com o pensamento.

Em seguida temos mais *muito*, que, então sim, tem o papel de modificador realizante, já que aumenta a força de *enérgico*.

6.8 DISCURSO 08

1012 – 1021 (ANEXO H)

Neste trecho da entrevista, a informante fala sobre um casal que conheceu há tempos atrás e tornaram-se amigos. Ela relata o que conhece sobre a vida do casal e diz o seguinte:

Informante: No domingo convidaram nós pra ir lá, e eles moram logo pra lá de Olinda, eles têm até praia particular. Mas ele começou a vida, tu sabes como? Ele, então ele começou a me contar pra mim que eles moravam em Portugal. Ele é português, e ela também. Os dois, então, ele veio de Portugal, então ele contou: “Quando nós era pequenos-” Então eu perguntei pra ele como é que era em Portugal né? Quando eles eram pequenos, então ele me contou. (...)

Logo no início já temos um caso de polifonia trazido pela palavra *até*. Quando o locutor diz que eles têm até praia particular, então ele diz que eles têm também outras coisas. Temos aí um enunciador que diz:

E1: eles têm até praia particular DC eles também têm outras coisas

Em seguida temos o *mas* que introduz a pergunta *Mas ele começou a vida, tu sabes como?*. É um caso evidente de pergunta retórica. O curioso, no entanto, é que não há resposta. Logo após a pergunta há comentários sobre a origem do casal, e nunca se retoma a pergunta. Aqui, a continuação da fala é representada pelos três pontos entre parênteses, já que a informante fala longamente sem retomar sua pergunta.

Sendo assim, temos um *mas* cujo antecedente pode ser identificado, mas o subseqüente não. Vejamos:

agora eles têm até praia particular **MAS** eles começaram a vida ... ???

Percebamos que como não há continuidade por parte do locutor, não podemos formar o enunciado completamente. Pode-se imaginar que haveria um relato de alguma dificuldade, como *eles começaram a vida com pouco dinheiro*, no entanto não temos como fazer tal afirmação, pois tantas inserções são feitas pela informante que ela chega a perder-se no assunto, não completando o enunciado com *mas*.

6.9 DICURSO 09

1027 – 1032 (ANEXO I)

Aqui neste trecho temos o entrevistador questionando sobre um espaço disponível para os moradores da cidade. Vejamos:

Entrevistador: É um clube, então?

Informante: É tipo um clube assim, é, a gente pode fazer um churrasco, ali pode fazer uma festinha de aniversário ou- Uma festinha assim dá pra fazer assim, não é muito grande, né? Mas tem espaço, né?

Iniciamos o diálogo com um pedido de confirmação por parte do locutor, que questiona se o lugar em questão é um clube. Ele obtém uma resposta positiva e uma explicação da informante, que exemplifica a fim de caracterizar o lugar. Portanto:

a gente pode fazer um churrasco e uma festinha de aniversário DC é tipo um clube

Em seguida a informante fala do tamanho do lugar. O que ela diz pode ser formalizado assim:

não é muito grande **MAS** tem espaço

A partir daí temos o seguinte:

não é muito grande DC não tem espaço para um churrasco ou para uma festinha de aniversário **MAS** não é muito grande PT tem espaço para um churrasco ou uma festinha de aniversário

Fizemos, portanto a formalização do enunciado emitido pela informante/locutor, *não é muito grande MAS tem espaço*, e em seguida extraímos o sentido desse enunciado. Como nos dizem as instruções, com o *mas* ocorre uma inversão argumentativa, ou seja, antes do *mas* temos um argumento que é invertido pelo *mas*. Assim, antes do *mas*, o locutor expressa uma idéia, a de que o lugar não é muito grande. Após o *mas*, ele explicita que há espaço. Como há uma interdependência, é a partir do primeiro encadeamento que abstraímos o sentido do segundo e vice-versa. Por isso, formalizamos que o lugar não é muito grande DC não tem espaço para um churrasco ou para uma festinha de aniversário **MAS** não é muito grande PT tem espaço para um churrasco ou uma festinha de aniversário.

6.10 DISCURSO 10

1206 – 1214 (ANEXO J)

Nesta parte da entrevista a informante faz um relato sobre uma moça que ao invés de comprar telhas para cobrir sua casa depois de uma enchente, resolveu gastar o dinheiro com um anel.

Informante: Daí uns dias aparece ela com um anelzinho, sabe? Esses banhado em ouro, não sei o quê. Eu disse: “Maria, quanto tu pagou esse anel?” Ela disse assim: “Cento e quinze.” “Mas escuta, tu não me disse que saía noventa e cinco as folhas pra ti (falando rindo) cobrir essa tal de tua casa? Então, em vez de comprar o anel, por que tu não comprou as folhas?”.

Bem, nessa situação temos um *mas* com uma função claramente diferente das outras apresentadas. Se antes tínhamos *mas* que mudavam a direção da argumentação, agora temos um *mas* que participa de uma exclamação.

Quando temos *mas escuta* temos uma expressão de indignação, que é inclusive confirmada pelos risos da informante. Essa expressão *mas escuta* é uma exclamação, que até é separada por vírgula na transcrição do discurso. Ela pode ser comparada a outras exclamações muito comuns do falar gaúcho como *mas bah*, *mas que tri* etc.

Esse tipo de *mas* ainda não foi estudado por Oswald Ducrot e seus colaboradores.

6.11 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Vejam os pontos importantes observados a partir das análises:

- O *mas* PA predomina absoluto no discurso oral. Foram lidas as 3 (três) maiores entrevistas do projeto VARSUL, cada uma com uma vasta ocorrência de *mas*, digamos que uma média de 2 (duas) ocorrências do articulador por página, e apenas dois *mas* SN foram identificados.
- Em algumas situações foi possível perceber que o *mas* não era utilizado para inverter a argumentação de um enunciado ou para fazer uma retificação ou sequer para fazer uma exclamação, mas tratava-se apenas de uma “mania” do falante de iniciar seu discurso com *mas*. Percebemos essa manifestação principalmente no falar gaúcho. Esse tipo de *mas* não foi selecionado para as análises por entendermos que não se trata de uma situação de inversão da argumentação, de uma retificação ou de uma exclamação, mas apenas de um “cacoete” do entrevistado.
- O discurso oral apresentou situações não previstas por Ducrot e seus colaboradores. Uma delas é a não existência do encadeamento subsequente ao *mas*. Para a ANL o *mas* necessariamente tem um encadeamento antecedente em um encadeamento subsequente. Se casarmos, no entanto, a ANL com as características do discurso oral apresentadas neste trabalho, veremos que o oral é repleto de enunciados interminados, inserções, repetições. Em um dos casos de inserção nas análises realizadas, o locutor perdeu-se em suas explicações e o *mas* acabou por ser deixado para trás. Concluímos, no entanto, que o sentido fica incompleto nessa situação. A não continuação do enunciado nos impede de extrair seu sentido.

- Quando houve a presença do *mas* SN, tivemos também uma situação não prevista pela ANL. Nesse *mas* retificador, tivemos apenas um locutor. Nos casos de *mas* SN normalmente há dois locutores, um que afirma e outro que retifica essa afirmação. No nosso caso, o locutor retificou a si mesmo.
- Outro caso comum no discurso oral é o *mas* sem segmento antecedente explícito.
- Características típicas do discurso oral, como os risos, por exemplo, foram fundamentais nas análises. Por diversas vezes o sentido foi construído por risos.
- Como era esperado, a polifonia foi essencial para a compreensão de diversos casos. O levantamento de discursos evocados nos permitiu identificar o sentido de diversos dos enunciados analisados.
- A noção de relação é, de fato, um dos pontos mais inovadores e relevantes da teoria de Ducrot. Foi fundamental realizar a análise do discurso completo, não apenas do encadeamento no qual o articulador se encontrava. Isso comprovou a nossa crítica sobre os estudos do *mas* realizados por outras teorias. Como elas isolavam o articulador, nunca era possível identificar seu real sentido. No momento em que o contexto lingüístico foi analisado juntamente com o articulador, foi perfeitamente possível extrair o sentido do enunciado.
- Um tipo de *mas* não previsto pela ANL é o *mas* presente em exclamações. Pelas análises observamos que esse *mas* não está no discurso para inverter a argumentação de um enunciado ou para fazer uma retificação, mas ele introduz uma exclamação. Esse fato é muito comum no falar gaúcho.
- É bastante impressionante e até inesperada a presença de tantos *mas* conectores. Embora a ANL preveja esse fato, ela ainda não tem um desenvolvimento teórico para o fato. Compreendemos, e percebemos pelas análises, que esse caso é

bastante polêmico, no entanto não temos instruções claras na teoria sobre como diferenciar um *mas* articulador de um conector.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propunha-se a analisar ocorrências do articulador *mas* no discurso oral pela Teoria da Argumentação na Língua a fim de identificar suas funções e extrair seu sentido no discurso. Também se propunha a identificar os enunciados antecedentes e subseqüentes ao articulador, já que acreditamos que a falha de estudos de outras teorias sobre o articulador é justamente ignorar o contexto lingüístico no qual ele se encontra, e, assim, não ser capaz de realmente identificar funções e compreender o sentido.

Para alcançarmos esse fim, fizemos inicialmente um levantamento dos estudos realizados sobre o *mas* em diversas teorias e identificamos seus pontos positivos e suas lacunas.

Compreendendo que o estudo do articulador é de extrema importância para o estudo da linguagem, buscamos oferecer outra proposta de análise do articulador, essa a partir da Teoria da Argumentação na Língua de Oswald Ducrot e colaboradores, por acreditarmos que pelos estudos realizados à luz dessa teoria as lacunas deixadas por outras pesquisas poderiam ser preenchidas.

Também nos dedicamos a caracterizar o discurso oral e discutir suas particularidades, estando conscientes de que era necessário um profundo conhecimento das características da fala já que nosso *corpus* seria composto exclusivamente por amostras desse tipo de linguagem.

Em seguida, realizamos as análises. A ANL foi aplicada a 13 amostras do articulador, divididas em 10 análises. Concluimos que a Teoria da Argumentação na Língua é bastante adequada para uma análise do sentido por ser a única que oferece ferramentas para uma real análise do sentido do discurso e no discurso. A relação entre palavras, enunciados e discursos é uma questão chave quando nos propomos a identificar funções e sentidos.

Também concluímos que, como era esperado, o discurso oral é extremamente complexo. No nosso caso, foi necessária uma teoria de apoio, aqui um levantamento de características do discurso oral e uma discussão sobre suas particularidades, para poder solucionar e compreender questões que se apresentaram no momento da análise. Como a ANL se propõe a trabalhar com a linguagem em geral, e nunca mencionou direcionar-se para o discurso oral ou para o escrito, necessitamos buscar em outras fontes um complemento para que as análises fossem mais fiéis à proposta do trabalho.

Enquanto que várias discussões foram solucionadas por esta pesquisa, outras se abriram. Necessitamos, a partir de agora, pesquisar mais sobre *mas* articuladores e conectores e definir uma metodologia clara para identificá-los e analisá-los. Necessitamos também incluir na teoria os *mas* que introduzem exclamações.

Apenas uma teoria que preveja que o locutor determina o uso que vai fazer de um determinado vocábulo pode ser capaz de servir para embasar um estudo que visa à compreensão do sentido, e por isso se comprova que a ANL pode ser a solução para as questões semânticas e argumentativas.

8 REFERÊNCIAS¹

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. **La argumentación en la lengua**. Traducción de Julia Sevilla y marta Tordesillas. Madrid: Editora Gredos, 1994.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de língua sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2007.

ARNOUX, Elvira N. de; NEGRONI, María Marta García. **Homenaje a Oswald Ducrot**. Buenos Aires: Eudeba, 2004.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa: una introducción a la Teoría de Los Bloques Semánticos**. Traducción de María Marta García Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

CATACH, Nina (org.). **Para uma teoria da língua escrita**. São Paulo: Ática, 1996.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Tradução de Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1987.

_____. **Polifonía y argumentación**. Traducción de Ana Beatriz Campo y Emma Rodríguez C. Cali: Universidad del Valle: 1988.

ERNST, Aracy; FUNCK, Susana Bornéo (org.). **Escrita e oralidade: questões e perspectivas**. Pelotas: Editora da UCPel, 2007.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática: 2006.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 2007.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à Lingüística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

¹ Obras citadas e consultadas.

GIERING, Maria Eduarda; TEIXEIRA, Marlene (org.). **Investigando a linguagem em uso: estudos em Linguística Aplicada**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. **Spoken and written language**. Oxford: Oxford University Press: 1989.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MOURA NEVES, Maria Helena de. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Que gramática estudar na escola?**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

PERINI, Mário. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1998.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola?**. São Paulo: Mercado de Letras, 2005.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____ (org.). **Oralidade em diferentes discursos**. São Paulo: Humanitas, 2006.

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa Gramática: Teoria e Prática**. São Paulo: Atual, 1994.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2001.

SIGNORINI, Inês (org.). **Investigando a relação oral/escrito**. São Paulo, Mercado de Letras, 2006.

SILVA, Joseli Maria da; ESPÍNDOLA, Lucienne. **Argumentação na Língua: da pressuposição aos topoi**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática: ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2003.

VARSUL. RS FLS 04 F B PRIN (1990).

VARSUL. RS POA 05 F B PRIN (1990).

VARSUL. RS PAN 01 F A GIN (1992).

VOGT, Carlos. **Linguagem, pragmática e ideologia**. São Paulo: HUCITEC, 1980.

ANEXO A
Discurso 01

0057 1|F *E.
2| 3
3| v

0058 1|E *Tu fala, vocês falam, teu marido fala alemão
2|
3|

0059 1| também?
2|
3|

0060 1|F *Fala.
2| 3
3| v

0061 1|E *Vocês falam com os filhos?
2|
3|

0062 1|F *Nós falamos com os filhos, [mas]- e eles
2| 00+ o 0 e
3| n v p d s c c n

0063 1| também entendem o alemão, mas [eles]- pra falar
2| o l e 0
3| a v d s c n p i

0064 1| fica um pouquinho difícil pra eles, eles
2| 0 l e l e
3| v d n,a j p n n

0065 1| entendem bem, né? mas não falam muito, falam
2| 0 0 : ol
3| v a av,pi c a v a v

0066 1| um pouco também, né? (est) mas não muito.
2| 0 0 1 o3
3| d# n,a a av,pi c a a

0067 1|E *Vocês falam em português também com as
2|
3|

0068 1| crianças?
2|
3|

0069 1|F *Falamos em português, sim. *Hum! hum!
2| r 0 1 0 0 0 3
3| v p s a e-pi pi e

0070 1|E *E eles têm alemão no colégio onde eles
2|
3|

ANEXO B
Discurso 02

0099 1|E *Os teus pais são vivos ainda?
2|
3|

0100 1|F *São.
2|
3| v

0101 1|E *Moram aqui na cidade?
2|
3|

0102 1|F *Moram.
2| 3
3| v

0103 1|E *E quando vocês vão na casa deles, como é que
2|
3|

0104 1| é? é em alemão ou em português o assunto?
2|
3|

0105 1|F *É, eles são bem alemães, né? *A mãe sempre
2| l e v a s o00 l e
3| v n v a s av,pi d s a

0106 1| disse que não entende português, mas com as
2| -- e e r 0
3| v c a + v s c p d

0107 1| crianças ela fala o português, né? (risos f)
2| o r 0 3
3| s n + v d r- s r av,pi

0108 1| *É, então ela0 fala com as crianças, (inint) e
2| 0 5 u0+ 00
3| v a n +v p d s c

0109 1| a gente fala é o assunto em alemão, né?
2| 0 1
3| d# s,n +v v d s p s av,pi

0110 1| *Também.
2| 3
3| a

0111 1|E *Sim. *O teu marido trabalha onde?
2|
3|

0112 1|F *Na Alfredo ("Focker")
2| l o r3
3| pd s# s,s

ANEXO C
Discurso 03

0239 1| *Eles [se <conhece->]- se correspondiam, né? e
 2| e e i' 0 0 e
 3| n n v n v av,pi c

0240 1| dai0 ele veio pra cá, estava um mês aqui e
 2| :5 o 1 00 :
 3| pa n v p a v d s a c

0241 1| dai noivaram [e <fo->]- **mas** casaram lá. *Dai
 2| 1 1
 3| pa v c o v a pa

0242 1| eles foram0 para lá e casaram, né? e0 [está]-
 2| 5 e 0 0 5 00
 3| n v p a c v av,pi c v

0243 1| vai fazer quatro anos que ela está morando lá.
 2| 0 o o 0+ 00 o 3
 3| v i d s c n v i a

0244 1|E *Vocês já foram pra lá?
 2|
 3|

0245 1|E *Nós não fomos, ainda não.
 2| o 0 3
 3| n a v a a

0246 1|E *E ela já voltou?
 2|
 3|

0247 1| *Ela já veio uma vez, sim. *E agora ela quer
 2| o 0 3 0
 3| n a v d s a c a n v

0248 1| em noventa e três, janeiro de noventa e três,
 2| e 1 e e 1
 3| p d# c# d,d s p d# c# d,d

0249 1| ela vai vir de novo.
 2| m e o3
 3| n v i p# j,a

0250 1| *E como é que ela está lá? *Ela gostou?
 2|
 3|

0251 1|F *Ela gostou, se adaptou bem, gostou de lá.
 2| e 0 1 0 e 3
 3| e+n v e n v a v p a

0252 1|E *O que que ela faz? *Ela trabalha?
 2|
 3|

0253	1 F *Ela trabalhou <n-> em escritório, <u>mas</u> agora	
	2 0 o0	
	3 n v p s c a	
0254	1 ela parou de novo. (hes) *Parece que fechou o	
	2 0 e o3 e 0	
	3 n v p# j,a v c v d	
0255	1 escritório que ela trabalhava, então agora 'ela	
	2 0+ 1	
	3 s a n v a,pi a n	
0256	1 não está trabalhando no momento, né? *Ela0	
	2 o o0 3 6	
	3 a v+ i pd s av,pi n	
0257	1 cuida da casa, né?	
	2 0 3	
	3 v pd s av,pi	
0258	1 E *E o marido dela, o que que ele faz?	
	2	
	3	
0259	1 F *Ele é <u>el</u> étricista.	Ø =
	2 e 3	
	3 n v s	
0260	1 E *Ela tem filhos?	
	2	
	3	
0261	1 F *[Não]- não tem filhos.	
	2 3	
	3 a a v s	
0262	1 E *(inint) alemãozinho (inint).	
	2	
	3	
0263	1 F *E, não tem.	
	2 1 3	
	3 v a v	
0264	1 E *Os teus filhos estão no colégio? *Quer dizer,	
	2	
	3	
0265	1 assim-	
	2	
	3	
0266	1 F *Sim, [eles]- (hes) [é no]- é na quinta série	
	2 00	
	3 a n v pd v pd d s	

ANEXO D
Discurso 04

0337 1|F *Davam.
2|
3| v

0338 1|E *Ela escreve a tua irmã, [6manda notícias?
2|
3|

0339 1| (inint) e telefona tambem?6]
2|
3|

0340 1|F *[6Escreve bastante.6]
2| e e3
3| v a

0341 1| *Ah! ela telefona às vezes. *Às vezes é no
2| ~ 1 001 00 o
3| pi n v pd# s,a pd# s,a v pd

0342 1| Natal ou na Páscoa, né? e- Mas agora a gente
2| l 0 0 0 :1 0
3| s c pd s av,pi c c a d# s,n

0343 1| não tem telefonado mais muito, que está
2| o 0 1 00
3| a v i a a c v

0344 1| bastante caro0 hoje telefonar, é. *Então a
2| e o5 e 00 1
3| a j a i v a,pi d#

0345 1| gente se escreve mais, né?
2| 0+ e 0 3
3| s,n n v a av,pi

0346 1|E *Ah! sim o telefone é muito [7caro acho que7]
2|
3|

0347 1| menos de vinte e cinco mil não se [8telefona
2| 1 o o3
3| a n v a j

0348 1| mais hoje.8]
2|
3|

0349 1|F *[7Sim, se torna muito caro.7] [8[não]-8] não
2| 0 r 3
3| a n v e+a j e e+a a e

0350 1| telefona, não. *Por [menos de]- menos de vinte
2| 0 1 r o e o e
3| v a p a p a p d#

ANEXO E
Discurso 05

ENGENSIS	Projeto VARSUL	a:\rsplan01.TEX
0463	1 E *Sim.	
	2	
	3	
0464	1 F *Gostam de morar ali.	
	2 e 0 3	
	3 v p i a	
0465	1 E *Acostuma, ne?	
	2	
	3	
0466	1 F *Hum! hum!	
	2 0 0 0 3	
	3 pi pi	
0467	1 E *Essa plantação de milho aqui na frente é de	
	2	
	3	
0468	1 vocês?	
	2	
	3	
0469	1 F *Não, essa é da vizinha.	
	2 1 3	
	3 a n v pd s	
0470	1 E *Mas sai milho verde ali?	
	2	
	3	
0471	1 F *Sai (risos f).	
	2 3	
	3 v	
0472	1 E *Na plantação da vizinha.	
	2	
	3	
0473	1 *E aqui na casa de vocês, vocês têm algum	
	2	
	3	
0474	1 quintal, plantam alguma coisa?	
	2	
	3	
0475	1 F *Nós não plantamos muito. *Nós temos ali	
	2 o ol	
	3 n a v a n v a	
0476	1 árvores frutíferas nos fundos, laranja e0	
	2 r e 0 :5	
	3 s j pd s s c	

ANEXO F
Discurso 06

RS FLC 04 F B PRI

0197	1	tal, do ano tal, né? conforme o ano então ele
	2	1 o o 1 1 # e o o
	3	n pd s n av,pi c d s c e- n
0198	1	fazia. *Ele fazia [isso]- tudo isso. *Mas nós
	2	1 1 1
	3	v e r-n v n n nr c n
0199	1	assim tínhamos, por exemplo, a entrada do
	2	0 + o0 o
	3	a,pi v p# s,pi d s r-pd
0200	1	verão, a minha mãe não trabalhava fora, nós
	2	3 1
	3	s r d n s a v a n
0201	1	não trabalhava fora, meu pai não deixava.
	2	1 0 3
	3	a v a n s a v
0202	1	*As vezes tinham pessoas que pediam pra nós
	2	00 t
	3	pd# s,a v s n v p n
0203	1	trabalhar nas lojas, já começavam naquela
	2	0 01 u
	3	i pd s a v pn
0204	1	época, né? sabe? *As moças trabalhar fora,
	2	0 1 el 0 1
	3	s av,pi v,pi d s v a
0205	1	porque mulher-
	2	ur i #1
	3	c s
0206	1	*Então o meu pai dizia assim: "O lugar de
	2	i o 3 # 0+
	3	c d n s v a r- d s p
0207	1	uma boa moça é na casa dela." (risos e) *Meu
	2	3
	3	d j s v pd s pn r n
0208	1	pai dizia pra nós, né? ele dizia em italiano,
	2	0 1 e + ol
	3	s v p n av,pi n v p s
0209	1	mas ele dizia: "O lugar de uma boa moça é
	2	0
	3	c n v d s p d j s v
0210	1	no lugar dela, na casa dela." *Ele dizia:
	2	# 1 1 1 1
	3	pd s pn pd s pn n v

ANEXO G
Discurso 07

ENGENSIS

Projeto VARSUL

Arquivo: rsflc04.WTX

RS FLC 04 F B PRI

0379 1| trechinho aqui, bem aqui era a rua principal,
 2| s a a a v d s j 0
 3|

0380 1| que morava uma amiga nossa. *Nós dizia:
 2| n v d s n n v 3 0
 3|

0381 1| "Pai, nós vamos até lá na Cíntia."
 2| s n v p a pd s 1 t 1
 3|

0382 1| *[Que era]- o nome dela era Cíntia. *Ele
 2| e+ o e t 3 e
 3| n r+v d s pn v s r n

0383 1| dizia: "Olha, até às oito, oito e meia
 2| v 1 1 0 +
 3| v v p pd d d# c# d,d

0384 1| estar em casa às oito e meia. *Oito horas,
 2| + t 3 0+
 3| i p s pd d# c# d,d d s

0385 1| oito e meia estar em casa."
 2| 0+ + + 3
 3| d# c# d,d i p s

0386 1|E *E vocês cumpriam?
 2|
 3|

0387 1|F *Ah! nós cumpria. *A gente cumpria, sim.
 2| 1 1 e 1 3
 3| pi n v d# s,n v a

0388 1|E *Se não cumpria, não podia sair depois?
 2|
 3|

0389 1|F *Não, mas [ele]- ele era [muito assim]-
 2| 1 + e o
 3| a c n n v a a,pi

0390 1| [muito]- [muito]- meu pai muito sério neste
 2| o o
 3| a a n s s j pn

0391 1| ponto, sabe? *Ele não era ruim, mas ele
 2| o0 el e não #\ 1 e
 3| s v,pi n a v j c n

0392 1| era assim muito enérgico, muito enérgico mesmo.
 2| # ol # o 0
 3| v a,pi a j a j a

ANEXO H
Discurso 08

RS FLC 04 F B PRI

1007	1 dentro da confeitaria ensinando ela a fazer	
	2 o + 0	
	3 a pd s i n p i	
1008	1 (falando rindo) doce, porque eu já faço	
	2 1 ur + o	
	3 s c n a v	
1009	1 amizade- (inint) (f) né? e ela gostou, e eu	
	2 e3 01	
	3 s av,pi c n v c n	
1010	1 [me dou]- me dei com ela assim. *Ai então	
	2 e 0 1 3 + i	
	3 n v n v p n a,pi a a	
1011	1 [ele]- e o velho me contou toda a vida dele.	
	2 e e o o 0 + 1	
	3 n c d s n v n d s pn	
1012	1 *No domingo convidaram nós pra ir lá, e eles	
	2 0 1	
	3 pd s v n pd i a c n	
1013	1 moram logo pra lá de Olinda, eles têm até	
	2 o o d 3	
	3 v a pd a p s n v p	
1014	1 praia particular. (est) *Mas ele começou a	
	2 # #3 + 0	
	3 s j c n v d	
1015	1 vida, tu sabes como? *[Ele]- então ele começou	
	2 0 0 03 + i 0	
	3 s n v a n a n v	
1016	1 a me contar pra mim que eles moravam no <i>eu</i>	
	2 0 +	
	3 d n v pd n c n v pd	
1017	1 Portugal. *Ele é português, e ela também. *Os	
	2 # 1 # 0+ 3 o	
	3 ++ s r+n v s c n a r d	
1018	1 dois então, ele veio de Portugal, então ele	
	2 + 1 e # 1 i	
	3 d a n v p s a n	
1019	1 contou: "**Quando nós era pequenos-" *Então eu	
	2 01 i .01	
	3 v c n v j a n	
1020	1 perguntei pra ele como é que era em Portugal,	
	2 # + # 0	
	3 v pd n a v# c,pi v p s	

ANEXO I
Discurso 09

- 1023 1|F *Hum! hum! *Nós só tomamos banho ali na
 2| 0 0 0 1 : 0 0
 3| pi pi n a v s a pd
- 1024 1| piscina mesmo, né? (inint).
 2| 1 3 3
 3| s a av,pi --
- 1025 1|E *E lá na piscina tem salão de festa também?
 2|
 3|
- 1026 1|F *Tem um pequeno salão também, é?
 2| 0 0 3
 3| v d j s a av,pi
- 1027 1|E *É um clube, então?
 2|
 3|
- 1028 1|F *ÉO tipo um clube assim, é, a gente pode
 2| 5 0 0 r e
 3| v s d s a,pi v,pi d# s,n v
- 1029 1| fazer um churrasco, ali pode fazer uma
 2| 0 r' 0 e
 3| i d s a v i d
- 1030 1| festinha de aniversário ou- *Uma festinha assim \emptyset
 2| e r r l
 3| s p s+ c d s a,pi
- 1031 1| dá pra fazer assim, não é muito grande, né?
 2| 0 1 0 0
 3| v p i a,pi eta v a j av,pi
- 1032 1| **mas** tem espaço, né?
 2| 5 0 3
 3| c e v s av,pi
- 1033 1|E *Como é que é o nome desse clube?
 2|
 3|
- 1034 1|F *É Sociedade Balneária de Panambi, ali, né? S S S
 2| e - 1 0 3
 3| v s# j# p# s,s a av,pi
- 1035 1|E *Faz tempo que existe?
 2|
 3|
- 1036 1|F *Esse faz tempo. *Anos já, né? *Isso aí quando
 2| 1 0 1
 3| n v s s a av,pi n a c

ANEXO J
Discurso 10

RS FLC 04 F B PRI

1203	1	porque a senhora não conhece ainda essa gente,"	
	2	ur e1	
	3	c d s a v a n s	
1204	1	*Porque, sabe, eu (falando rindo) ficava com	
	2	u# 0 el	
	3	c v,pi n v p	
1205	1	pena de todo mundo *(Inint) daí uns dias	
	2	e o	
	3	s p n# s,n pa d s	
1206	1	aparece ela com um anelzinho, sabe? esses	
	2	+ 0 1	
	3	v n p d s v,pi n	
1207	1	banhado em ouro, não sei o quê. *Eu disse:	
	2	o 0 o0 o 3 1	
	3	i pq s . a v n# n,n n v	
1208	1	"*Maria, quanto é que tu pagou esse anel?"	
	2	1 0 1	
	3	s n v# c,pi n v n s	
1209	1	*Ela disse assim: "*Cento e quinze." *Mas	
	2	1 el	
	3	n v a d# c d,d c	
1210	1	escuta, tu não me disse que saía noventa	
	2	1 +	
	3	v n a n v c v d#	
1211	1	e cinco as folhas [pra <co->]- pra ti	
	2		
	3	c# d,d d s p pd n	
1212	1	(falando rindo) [cobrir]- cobrir essa tal (f)	
	2	0 0	
	3	i i n n	
1213	1	de tua casa? *Então, em vez de comprar o	
	2	e 1 i 0 e 0	
	3	p n s a p# s# p,p i d	
1214	1	anel, porque que tu não comprou as folhas?"	
	2	11 ur 0 03	
	3	s a c,pi n a v d s	
1215	1	(risos e) *Que nós já temos outro- *Tu vês	
	2	+ 0 o1 0	
	3	c n a v n n v	
1216	1	como já- *Nós, nós pensamos primeiro sempre	
	2	o 3 1 0	
	3	a a n n v d a	

Marcela Cristiane Nesello

Curriculum Vitae

Janeiro/2009

Dados Pessoais

Nome Marcela Cristiane Nesello

Filiação Abrelino Nesello e Norci Contin Nesello

Nascimento 27/12/1984 - Caxias do Sul/RS - Brasil

Carteira de Identidade 1076527751 SJS - RS - 07/02/1996

CPF 01018307001

Endereço residencial Rua Luiz Gaviraghi, 1412

Rio Branco - Caxias do Sul

95097520, RS - Brasil

Endereço profissional

- Caxias do Sul

RS - Brasil

Endereço eletrônico

e-mail para contato : marcelanesello@yahoo.com.br

e-mail alternativo : marcelanesello@yahoo.com.br

Formação Acadêmica/Titulação

2007 - 2009 Mestrado em Lingüística e Letras.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Porto Alegre, Brasil

Título: Caracterização do articulador MAS no texto oral pela Teoria da Argumentação na

Língua, Ano de obtenção: 2009

Orientador: Leci Borges Barbisan

Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Palavras-chave: enunciação, texto, discurso

Áreas do conhecimento : Lingüística

2002 - 2006 Graduação em Licenciatura Plena em Letras.

Universidade de Caxias do Sul, UCS, Caxias Do Sul, Brasil

Atuação profissional

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC RS

Vínculo institucional

2007 - Atual Vínculo: Colaborador , Enquadramento funcional: bolsista de mestrado ,

Carga horária: 20, Regime: Parcial

2. Yázigi Internexus - YÁZIGI

Vínculo institucional

2005 - 2007 Vínculo: Professora de idiomas , Enquadramento funcional: professor titula

, Carga horária: 30, Regime: Parcial

3. Colégio Mutirão Objetivo de Caxias do Sul - OBJETIVO

Vínculo institucional

2006 - 2007 Vínculo: Professor de Idiomas , Enquadramento funcional: professor titular ,

Carga horária: 4, Regime: Parcial

4. Escola Estadual de Ensino Médio Olga Maria Kayser - OLGA MARIA KAYSE

Vínculo institucional

2006 - 2006 Vínculo: Estagiária , Enquadramento funcional: estagiária , Carga horária: 15, Regime: Parcial

5. Escola Estadual de Ensino Fundamental Caldas Junior - CALDAS JUNIOR

Vínculo institucional

2006 - 2006 Vínculo: Estagiária , Enquadramento funcional: estagiária , Carga horária: 10, Regime: Parcial

Idiomas

Inglês Compreende Bem , Fala Bem, Escreve Bem, Lê Bem

Espanhol Compreende Bem , Fala Bem, Escreve Bem, Lê Bem

Francês Compreende Pouco , Fala Pouco, Escreve Pouco, Lê Pouco

Português Compreende Bem , Fala Bem, Escreve Bem, Lê Bem

Produção em C, T& A

Produção bibliográfica

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)

1. NESELLO, M. C., FIGUEREDO, F.C.

A produção textual no Ensino Médio: uma análise argumentativa In: V SENALE (Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino), 2007, Pelotas.

V SENALE (Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino) Teorias Lingüísticas e Ensino:

possibilidades e limites. Pelotas: EDUCAT, 2007.

Apresentação de Trabalho

1. NESELLO, M. C.

Caracterização do articulador mas no discurso pela teoria da argumentação na língua,
2008.

(Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: enunciação, discurso, texto

Página gerada pelo Sistema Currículo Lattes em 15/01/2009 as 18:22:58 Página 4 de 5

Áreas do conhecimento : Lingüística

2. NESELLO, M. C., DALL CORTIVO, C.

Como os modificadores “modificam” o sentido no discurso, 2008.

(Comunicação,Apresentação de

Trabalho)

Palavras-chave: texto, enunciação, discurso

Áreas do conhecimento : Lingüística

3. NESELLO, M. C.

Uma análise argumentativa da produção textual na escola, 2008. (Conferência ou
palestra,Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: texto, enunciação, discurso

Áreas do conhecimento : Lingüística

Eventos

Participação em eventos

1. Apresentação Oral no(a) **ALFAL**, 2008. (Congresso)

Caracterização do articulador mas no discurso pela teoria da argumentação na língua.

2. Apresentação Oral no(a) **CELSUL**, 2008. (Congresso)

Como os modificadores “modificam” o sentido no discurso.

3. Apresentação Oral no(a) **V Colóquio de Lingüística e Língua Inglesa da UniRitter**,
2008. (Outra)

Um estudo argumentativo da produção textual na escola.

4. **APIRS One Day Meeting**, 2008. (Encontro)

.

5. Apresentação Oral no(a) **V SENALE (Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino)**, 2007.

(Seminário)

A produção textual no Ensino Médio: uma análise argumentativa.

6. **Enunciação, estrutura e história**, 2007. (Oficina)

.

7. **A imagem da língua no texto literário**, 2007. (Outra)

.

8. **Language Acquisition – Research within a Generative Framework**, 2007. (Outra)

.

9. **A reforma ortográfica em pauta**, 2007. (Outra)

.

10. **7º Encontro de Professores de Línguas – 3º fórum de Educação Infantil para professores de línguas**, 2007. (Encontro)

.

11. **XXV Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXIV Seminário de Crítica Literária do Rio Grande do Sul**, 2007. (Seminário)

.

12. **8th International Congress of ISAPL (International Society of Applied Psycholinguistics)**, 2007.

(Congresso)

.

13. **Worldview: a simple and proven MAP to Language learning for adults**, 2005.

(Encontro)

.

Página gerada pelo Sistema Currículo Lattes em 15/01/2009 as 18:22:58 Página 5